

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE ANGRA DOS REIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE TERRITÓRIOS E SABERES

Gustavo Martins

AS PRÁTICAS LABORAIS DOS PESCADORES DO CAIS SANTA LUZIA: UM
OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DA REDE DE PESCA E DOS PESCADORES DE
ANGRA DOS REIS. R.J

Angra dos Reis
2025

GUSTAVO MARTINS

AS PRÁTICAS LABORAIS DOS PESCADORES DO CAIS SANTA LUZIA: UM
OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DA REDE DE PESCA E DOS PESCADORES DE
ANGRA DOS REIS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense, Instituto de
Educação de Angra dos Reis, como requisito
parcial para a conclusão Pós-Graduação em
Gestão de Territórios e Saberes .

Orientadora:

Profa. Dra. Dibe Salua Ayoub

ANGRA DOS REIS- RJ

2025

GUSTAVO MARTINS

As práticas laborais dos pescadores do cais santa Luzia: um olhar sobre as práticas
Da rede pesca e dos pescadores de angra dos Reis.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense, Instituto de
Educação de Angra dos Reis, como requisito
parcial para a conclusão Pós-Graduação em
Gestão de Territórios e Saberes.

BANCA EXAMINADORA

Profa.Dra. Dibe Salua Ayoub (orientadora)

Prof. Dr. Carlos Marclei Arruda Rangel

Prof. Dr. Rodrigo Penutt da Cruz

ANGRA DOS REIS- RJ
SETEMBRO DE 2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu Senhor Jesus por me ter dado a oportunidade de conquistar esta etapa Lato Senso, do Curso de Pós-graduação em Gestão de Territórios e Saberes – Teresa, na Universidade Federal Fluminense. A esta universidade que me proporcionou esse sentimento de realização de sucesso que no decorrer da minha vida não imaginava expectativa de tal grandeza.

Agradeço aos pescadores e redeiros do cais de Santa Luzia, que com muita atenção nos concederam informações concernentes as condições de trabalhos realizados por estes atores da arte da pesca e do remendo das redes de traineiras que contribuíram muito para esta obra, A minha esposa Silvanete Ferreira Martins e minhas filhas Laressa Ferreira Martins e Layara Ferreira Martins que muito contribuíram para minha carreira acadêmica a minha irmã Delma Pereira Martins pelas palavras de incentivos a vida acadêmica e meus irmãos pescadores da praia de Provetá Ilha Grande: Gelson Martins, Leonardo Martins e João Martins.

Quero também agradecer aos colegas de sala de aula e aos professores da Universidade Federal Fluminense que lecionaram na pós-graduação Lato Senso. Também dos amigos da pesca de Angra dos Reis que sempre em nossos encontros fazem-nos lembrar a minha origem da comunidade e da cultura da Ilha Grande da Praia de Provetá da qual sou oriundo.

Gostaria de agradecer a professora orientadora desse trabalho, Dr.(a) Dibe Salua Ayoub pela ótima recepção, pelas ideias e sugestões que melhor definiram esta pesquisa. Obrigado pela paciência, atenção e dedicação do seu tempo para me orientar neste trabalho.

Resumo

A atividade de reparos de rede no Cais de Santa Luzia no centro de Angra dos Reis é uma atividade importante que consolida uma profissão na qual vem sendo ao longo do tempo mantida pela tradição da pesca que tem seu principal ambiente na beira do cais em meios as descargas dos barcos de pesca e das redes de traineiras avariadas para reparos. A vivência dos pescadores nesse ambiente de trabalho forjou seu modo de vida, através de saberes e técnicas tradicionais desenvolvidas ao longo de gerações. Desde que iniciei na pesca este cais passou a ser a localização do trabalho profissional que a vida proporcionou-me na juventude, onde concentra as atividades de pesca da Baía da Ilha Grande. O trabalho desses pescadores é realizado no cais de Santa Luzia. É um trabalho artesanal, que exige habilidade profissional para manusear instrumentos próprios da pesca e isso eles aprenderam no ofício da profissão. A pesca tem sido o sustento de muitas famílias ao longo dos anos na Ilha Grande, Ilha da Gipoia e do litoral angrense como de outras tantas do litoral santista e do Rio Grande do Sul. A pesca de traineira foi aperfeiçoada tecnologicamente com os usos de aparelhos de última geração. A prática da pesca é presente no cotidiano desses pescadores de tal forma que, ao dar uma volta no cais, é possível avistar pescadores tecendo suas redes. Foram avistados vários pescadores na atividade da descarga e abastecimento das traineiras, que relatam histórias e informações das pescarias uns para os outros. Algumas comunidades de Angra dos Reis ainda mantêm as tradições da pesca artesanal e lutam para que este ofício não desapareça. Tanto a pesca profissional quanto a artesanal tem sido fonte de subsistência para comunidades tradicionais da cidade de Angra dos Reis. A arte da pesca em Angra dos Reis tem uma significação para esses profissionais do mar e da rede, que escolheram esse ofício, tendo emprego e renda nesta atividade, e contribuindo para que se perpetuem os saberes construídos neste setor de trabalho.

Palavras chaves: Cais de Santa Luzia; pesca artesanal; rede de pesca.

Abstract

Net repair at the Santa Luzia Wharf in downtown Angra dos Reis is an important activity that cements a profession long maintained by the fishing tradition, whose main setting is the pierside, where fishing boats and damaged trawler nets are unloaded for repair. The fishermen's experience in this work environment has shaped their way of life, drawing on traditional knowledge and techniques developed over generations. Since I began fishing, this pier has become the location of the professional work life provided me in my youth, where fishing activities in Ilha Grande Bay are concentrated. These fishermen's work is carried out at the Santa Luzia pier. It is artisanal work, requiring professional skill in handling fishing instruments, a skill they learned through their craft. Fishing has been the livelihood of many families over the years on Ilha Grande, Ilha da Gipoia, and the Angra coast, as well as many others along the Santos and Rio Grande do Sul coasts. Trawler fishing has been technologically perfected with the use of state-of-the-art equipment. Fishing is so much a part of these fishermen's daily lives that, when walking along the pier, it's possible to see fishermen weaving their nets. Several fishermen have been spotted unloading and refueling the trawlers, sharing stories and information about their fishing trips with one another. Some communities in Angra dos Reis still maintain artisanal fishing traditions and fight to prevent this trade from disappearing. Both professional and artisanal fishing have been a source of livelihood for traditional communities in the city of Angra dos Reis. The art of fishing in Angra dos Reis holds significance for these sea and fishing professionals, who chose this profession, earning employment and income from it, and contributing to the perpetuation of the knowledge acquired in this sector.

Keywords: Santa Luzia Pier, artesanal fishing, fishing net.

Sumario

Introdução.....	8
Área de estudo.....	12
A pesquisa.....	15
Estrutura do trabalho.....	16
Capítulo 1. A pesca em Angra dos Reis.....	17
O cais da Lapa.....	18
O cais da Lapa e a mudança de estrutura na pesca em Angra dos Reis	19
Questão da pesca profissional em Angra dos Reis	25
Capítulo 2. As relações Laborais e os saberes dos pescadores	38
Capítulo 3. A rede de pesca	43
3.1 como é o manejo da costura da rede.....	46
3.2 A definição de uma rede de traineira.....	48
Conclusão	55
Referências	56

INTRODUÇÃO

A atividade de pesca e reparos de rede no cais de Santa Luzia no centro de Angra dos Reis é uma atividade importante que contribui para a economia de redeiros e pescadores. Nesse cais, as redes de pesca ficam amontoadas para o trabalho de remendo de rede, ofício exercido pelos profissionais da pesca. No cais de Santa Luzia os barcos de traineiras atracam para reparo em seus apetrechos de pesca e para descarga de peixes.

A vivência desses pescadores nesse ambiente de trabalho forjou seu modo de vida, através de saberes e técnicas tradicionais desenvolvidas ao longo de gerações. Desde que iniciei na pesca, esse cais passou a ser a localização do trabalho profissional que a vida proporcionou-me na juventude, onde concentra as atividades de pesca da Baía da Ilha Grande.

A pesca tem sido estimulada em Angra dos Reis pelo desenvolvimento das funções portuárias e pesqueiras, atividades que caracterizaram o município por quase quatrocentos anos. As sucessivas gerações de pescadores de Angra dos Reis, cada uma no seu momento e ao seu modo, lutam para superar as condições frequentemente adversas à sua permanência no lugar onde se mantém a cultura e os fazeres dessa profissão de pescador, tanto artesanal quanto industrial, e reflete a demanda cultural e como grupo se organiza mesmo nas precariedades ou defasagem da profissão (MACHADO, 1995, p.1)

Angra dos Reis é uma das mais antigas áreas de ocupação do litoral fluminense e da costa atlântica brasileira. Localizada numa estreita faixa terrestre entre a Baía da Ilha Grande e a escarpa da Serra do Mar, cujas práticas laborais dos pescadores residentes nas praias da Ilha Grande e no litoral de Angra dos Reis se mantém vivas, e concentradas no cais de Santa Luzia, centro da cidade de Angra dos Reis, onde os conhecimentos são compartilhados.

Segundo Ingold (2009, pg 1) O conceito de herança cultural “argumenta que o conhecimento existe na forma de ‘conteúdo mental’, que, com vazamentos, preenchimentos e difusão pelas margens, é passado de geração em geração, como a herança de uma população portadora de cultura. O trabalho desses pescadores no cais de Santa Luzia é um trabalho artesanal que exige habilidade profissional para manusear instrumentos próprios da pesca e isso eles aprenderam no ofício da profissão desde sua iniciação na pesca e ensinam aos mais novos a ingressarem nesse ofício.

Os pescadores são os responsáveis pela manutenção desse conhecimento tradicional da pesca, perpetuando e mantendo essa pratica laboral no local de

vivência, pois a utilização de seus artefatos é parte da condição artística, da identidade, do modo de vida de várias comunidades da Baía da Ilha Grande (MACHADO, 1995. pg1).

A economia da cidade de Angra dos Reis gira em torno de várias atividades, entre uma delas a pesca industrial, que vem sendo realizada na localidade ao longo dos anos. No setor comercial comporta uma área portuária de docas do Rio de Janeiro, as usinas de Angra I e Angra II na geração de energia, de comércio e de serviços, da indústria naval do estaleiro KeppelFels (antigo Verolme), entre outros.

O turismo contribui também com a economia crescente da cidade, tendo como atrativos as praias do litoral angrense e as ilhas. sendo principal a Ilha Grande, que atrai turistas de vários países do mundo (ANGRA DOS REIS 2008). Os pescadores que frequentam o cais de Santa Luzia utilizam formas de pesca que são peculiares da região utilizando várias técnicas, tais como: a pesca de traineira, espinhel, corvo de pesca, arrastão, linha de fundo, corvineira e cerco de costão, entre outras. Das espécies capturadas pode se mencionar a sardinha e outros peixes típicos da costa do Sudeste.

Os variados apetrechos de pesca utilizados nas embarcações são denominados pelos pescadores, e esses objetos são identificados facilmente nos seus momentos da pescaria. Peças como balaios (cestos), varejão (vara de bambu), retinidas (final de uma ponta de corda), caíco (pequeno barco que vai a reboque), cuba (final da rede de traineira) carangueja (lança estendida no mastro), sacador (final da rede fina início da rede grossa), entralhe e perfilho (faz parte do remendo da rede) carregadeira (peça de cabo de polietileno) entre outros que fazem parte dos apetrechos da pesca e da captura de peixes que demandam mão de obra pesqueira tradicional (MARTINS E VARGAS 2017.pg 48)

A pesca tem sido o sustento de muitas famílias ao longo dos anos na Ilha Grande, Ilha da Gipoia e do litoral angrense como de outras tantas do litoral santista e do Rio grande do sul. O conhecimento dos pescadores parte de um único propósito, é capturar ou pescar peixes e ter bom conhecimento de remendo de rede de pesca. Esses conhecimentos aplicados a pesca são os mesmos em qualquer local em que há atividade de pesca.

Na minha família todos são pescadores profissionais, moradores da Ilha Grande e pescam desde a costa do Rio Grande do Sul no litoral santista ao litoral de Cabo Frio. Para trabalhar em uma traineira ou barco de rede de arrasto, basta ter a carteira de habilitação de pesca profissional emitida pela Capitania dos Portos. Nos anos 1980 os jovens de algumas das praias da Ilha Grande na idade de 15 a 16 anos embarcavam em traineiras, levados pelos pais, isso se dava depois de ter terminado o

antigo primário (hoje o fundamental I). Aprendíamos na pesca a nos manter e nos profissionalizar tanto nas condições de convés como de remendo de rede. Esse conhecimento também era compartilhado e com isso fazíamos parte também da formação de novos tripulantes na área da pesca.

A produção da pesca artesanal em Angra dos Reis tem sido prejudicada por diversas ações, antrópicas e naturais, que agem diretamente no meio ambiente e provocam a redução de peixes nessa redondeza, como também o aumento de resíduos sólidos no mar, a poluição das águas dos rios que desembocam na baía da Ilha Grande e o ruído dos barcos de esporte e recreio e outros.

Atribui-se também a causa desses problemas os pescadores que venderam seus terrenos de posse nas praias da Ilha Grande, subitamente valorizados pela onda turística e pela criação das áreas de preservação ambiental, que provocou o fechamento de fábricas de salga de sardinhas e o impedimento da pesca em determinados locais.

Tal redução da pesca comercial se deu a partir da década de setenta em função de diferentes processos concomitantes e correlacionados, tais como: a pressão de grupos externos de pesca industrial de grande porte; a redução dos mananciais; o fechamento das fábricas de sardinha locais; a criação das unidades de conservação; a expulsão dos caiçaras pela especulação imobiliária. Hoje, das diversas comunidades/praias da Ilha, apenas a de Provetá vive da pesca, sabendo-se que os donos de barcos também se dedicam ao trabalho com traslado de turistas nas épocas propícias (PRADO, 2005, p. 2)

Os fatores da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que define crimes ambientais e suas respectivas punições por danos causados ao meio ambiente, também contribuíram para desestimular o setor, Exemplo disso as áreas de ancoradouros, mapeamento e monitoramento via satélite, tem causado vários transtornos que por qualquer circunstância acidental com esses barcos de pesca, como maré ou ventos fortes os pescadores se valem de abrigos nesses locais protegidos e por isso são multados pela policia ambiental.

A pesca de traineira tem sido aperfeiçoada tecnologicamente com os usos de aparelhos de ultima geração. Em tempos remotos só havia um radio VHF e nos anos 1980 chegou a sonda de ondas sonoras com papel grafite que serve para detectar a profundidade e a presença de peixes ou rochas no local de pesca, enviando através de transdutor um sinal (pulso) debaixo da água, recebido depois, seu eco. Já nos dias atuais os barcos possuem equipamentos eletrônicos bem mais sofisticados, os quais visam à procura e detecção dos cardumes em alto mar (SCHWINGER, 2010,

p. 5). Os apetrechos de pesca também tiveram suas transformações, As redes de traina que antes eram de monofilamento de algodão passaram a ser de monofilamento de nylon, sendo utilizado na pesca em todo mundo (AFONSO, 2013, p.98). Essas mudanças aconteceram devido a condições tanto econômicas como sociais, mantendo a pesca ativa e competitiva no mercado.



Figura 1: Tecnologia de ponta em uma embarcação de pesca de traineira. Fonte: o autor.

Esta monografia tem por objetivo analisar as práticas em torno da rede de pesca de traineira, dos pescadores artesanais no cais de Santa Luzia, Angra do Reis.

A prática da pesca é presente no cotidiano desses pescadores de tal forma que ao dar uma volta no cais é possível avistar pescadores tecendo suas redes. Avistamos vários pescadores na atividade da descarga e abastecimento das traineiras e alguns em conversas com amigos. Em meio aos pescadores profissionais encontram-se alguns se aventurando com suas linhas de mão, na tentativa de pescar peixe, quando não conseguem granjear um peixinho na descarga de algum barco. Observa-se ainda os barcos ancorados distante, aguardando para descarga ou fazendo hora para zarpar ao auto mar enquanto outros, atracados com alguma atividade.

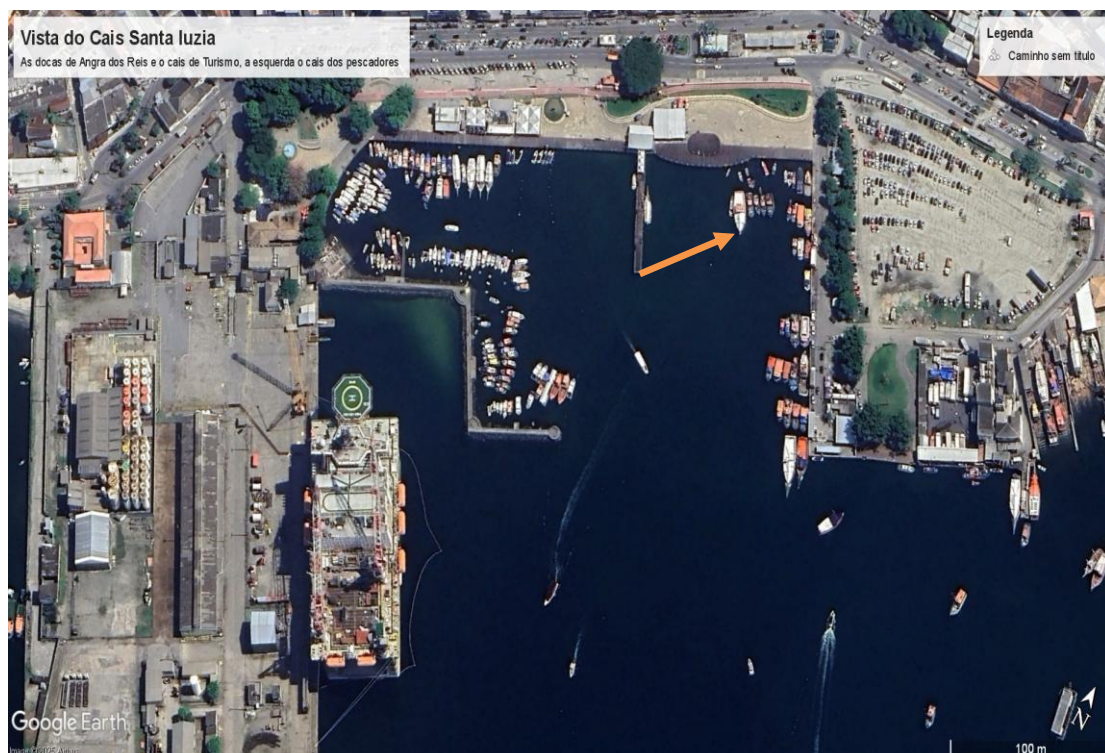


Figura 2:Porto de Angra dos Reis com o Cais de Santa Luzia à direita.

Fonte: Google Earth 2025; Elaborado por gustavo Martins

A área de estudo

A área destinada a essa pesquisa de pesca e de remendo de traineira localiza-se no centro da cidade de Angra dos Reis. do Angra dos Reis possui um território de 813, 420km², população residente 167.434 pessoas e uma densidade demográfica de 205,84 hab /km² sendo o décimo oitavo município mais populoso do estado do Rio de Janeiro (IBGE 2022).

A primeira colonização de Angra dos Reis foi feita no continente, em 1530, por uma expedição a mando da Coroa de Portugal. Somente em 1556 chegaram os colonizadores, vindos dos Açores, que criaram um povoado ao se fixarem na enseada. Em 1608, tornou-se Vila dos Reis Magos da Ilha Grande.

A primeira atividade econômica de Angra foi a cultura da cana-de-açúcar, além de servir de parada no trajeto entre Santos e Rio de Janeiro. Depois, exportando os produtos de Minas Gerais e São Paulo, chegou a ser um dos maiores portos do Brasil. Na época do Império, Angra conheceu um grande apogeu, durante o ciclo do café.

Nos fins do século, porém, abriu-se a Estrada de Ferro São Paulo - Rio, terminando com as vantagens que Angra oferecia às comunicações entre as duas cidades. Meio século depois, com o estabelecimento de uma estrada de ferro para Minas Gerais, surgiu o cais do Porto de Angra dos Reis em 1923, com a crescente

necessidade de exportação do café proveniente da região do Vale do Paraíba. (PASCOAL, 2010, p. 35).

A partir de 1932 houve uma modernização e ampliação do cais do porto, quando a movimentação de carga por via marítima, consistia basicamente de importações de carvão e madeira. Com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, em 1945, o Porto de Angra dos Reis passou a receber o carvão oriundo de Imbituba-Sc, em fluxos estáveis até o ano de 1963, quando o abastecimento do produto para a usina passou a ser efetuado via rodoviária.

Em função dessa mudança, a partir de 1970, o porto converteu-se basicamente num pólo exportador de produtos siderúrgicos da CSN, além de importador de trigo. Já o Cais Santa Luzia, localizado nas margens da Baía da Ilha Grande, é um ponto nodal relevante no município.

Através desse cais realizam-se travessias com escunas para a Vila do Abraão, importante local turístico localizado na Ilha Grande e também trajetos para outras praias, Araçatiba, Praia da Longa, Praia Vermelha e Provetá. É o ponto principal para a indústria da pesca, e é usado para manutenção de redes das traineiras, e para descarga e venda de peixes. Além disso, é um local de encontros entre os pescadores que relatam histórias e informações das pescarias uns para os outros.

Em dias de muitas descargas de barcos carregados de peixes (sardinhas) há em média de 500 a 700 pessoas envolvidas no trabalho da pesca, pois cada barco de traineira tem de 12 a 17 tripulantes embarcados, cada caminhão tem 4 trabalhadores que servem para empilhar os tabuleiros (caixa para pesagem de 20 quilos de peixe) e gelar para conservar o pescado e há também alguns descarregadores avulsos que entram no porão das embarcações para facilitar o trabalho de descarga dos tripulantes embarcados. Segundo os dados da Secretaria de Pesca de Angra dos Reis, usando os dados do IBAMA:

A média nacional de produção de sardinha nos últimos seis anos foi de 72.165 toneladas, e somente em 2012 a produção atingiu a marca de 97.000 toneladas capturadas, superando a médias dos últimos anos. Percentualmente, o município de Angra contribuiu com 31.8 % na média dos últimos seis anos e com 25.4% em 2012 (Angra dos reis 2017) .

Abaixo temos uma tabela de comparação da produção nacional e da contribuição da pesca de sardinha em Angra dos Reis na primeira década dos anos 2000. Este pescado foi manuseado no cais de Santa Luzia, e transportado para os mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo:

Ano	Nacional	Angra
2000	17.050	1.418
2001	39.200	7.562
2002	22.053	3.282
2003	25.267	1.793
2004	53.421	16.000
2005	42.657	8.700
2006	54.201	7.200
2007	55.939,5	12.000
2008	74.631	23.370
2009	83.286	26.157
2010	62.134	27.656
2011	60.000	23.914
2012	97.000	24.656

Tabela 1: Comparação da produção de sardinha em nível nacional.

Fonte: Secretaria de Agricultura, Aquicultura e Pesca de Angra dos Reis 2017.

Na parte esquerda do Porto de Angra dos Reis está o cais de docas, que atualmente está arrendado para empresas terceirizadas que o utilizam como cais *offshore*, transportando e recebendo materiais provindos das áreas petrolíferas da Bacia de Santos. Na parte direita fica o cais de Santa Luzia.

O cais de madeira é destinado para embarque e desembarque das pessoas que atravessam para a Ilha Grande. No cais de concreto ficam os barcos de pesca que usam a área para a descarga de peixes e o armazenamento de seus apetrechos, redes, cabos e tabuleiros para transportar os peixes aos mercados.

A pesquisa

O objetivo geral desta monografia é descrever as técnicas e os saberes dos pescadores artesanais nas traineiras de Angra dos Reis, e caracterizar as práticas laborais dos pescadores do cais de Santa Luzia. Compreender as formas do trabalho artesanal e industrial das embarcações pesqueiras, bem como descrever os apetrechos e as técnicas laborais em rede de pesca de traina, e os conhecimentos de manutenção das redes de pesca.

As relações entre os pescadores, na divisão do trabalho da pesca dentro da traineira, na formação do conhecimento passado de pais para filhos, e no desenvolvimento desse aprendizado na armação de redes de pesca e do ofício de pescador é, como afirma Duarte (2018, p. 14): “Descobrir as trajetórias e as formas com que o ser humano manuseia a rede de pesca é redescobrir processos e relações culturais que estão intrínsecos nas práticas dos mesmos, refletindo como cada indivíduo atribui sentido a um mesmo objeto e também como nossos ancestrais influenciaram nossos hábitos”.

O interesse pelo tema dos redeiros e pescadores do cais de Santa Luzia reporta-se à vivência do autor nesta profissão nos anos de 1985 a 1998. Isso possibilitou o conhecimento nessa área de atuação. Faço também alusão à falta de profissionais desse ramo para manutenção de material de pesca que faz parte do trabalho e vida dos pescadores de Angra dos Reis.

A pesquisa de caráter qualitativo teve por base a seguinte metodologia: acompanhamento da rotina dos pescadores e participação nas suas atividades para realização de conversas formais e informais. Foram realizadas entrevistas com pescadores e redeiros no local com o intuito de obter informações sobre o setor da pesca e a rede de pesca no cais de Santa Luzia.

A pesquisa abrangeu observações empíricas feitas pelo pesquisador durante o trabalho de campo e coleta de dados do setor da pesca de Angra dos Reis. Além de usar o material de pesquisa realizado no TCC do autor de Etnomatemática na prática laboral dos pescadores realizado no período de formação de graduação em pedagogia nos anos de 2019.

Estrutura do Trabalho

A partir desta seção foi elaborado o presente artigo tendo as práticas de remendo da rede de traineiras e das vivências dos pescadores no cais santa Luzia como formas de trabalhos realizados por atores da pesca. Dessa forma separou-se esse trabalho em três partes.

Capítulo. 1. Nessa parte intitulada “A pesca em angra dos reis e o cais de santa Luzia”

Buscamos mostrar o crescimento do mercado da pesca em Angra dos Reis onde houve a necessidades de instalações de entrepostos de descarga de peixes, esse movimento tem o seu primeiro momento no cais da lapa, sendo transferido mais tarde para outro local, passando a operar no cais de Santa Luzia onde os barcos de traineiras passaram a descarregar seus peixes e manusearem suas rede para remendos e reparos.

Capitulo 2. Nessa parte que tem como titulo “As relações laborais e os saberes dos pescadores” Buscara-se compreender os trabalhos realizados pelos pescadores no cais de Santa Luzia que desempenha um papel especifico na cultura da pesca, tanto na divisão do trabalho como na organização de tripulantes de convés, agregando os saberes de trabalhadores de mais idades dos barcos de traineiras pelo qual ficam responsáveis por instruir os mais novos nos conhecimentos e no cotidiano destes trabalhadores do mar.

Capitulo 3. Nessa parte que tem como titulo “A rede de pesca”

Buscamos compreender as formas de trabalhos realizados pelos redeiros na armação de rede de traineiras que tem suas origens desde a chegada de rede de polifilamento de nylon, desde então a rede de pesca tornou-se um objeto muito utilizado pelos pescadores da pesca industrial e também por alguns pescadores da pesca artesanal. A partir desse momento os pescadores passaram a manusear a rede utilizando técnicas de remendo diferentes das que eram usadas nas redes de algodão, nesse processos as relações culturais que estão intrínsecas nessa prática de remendo reflete como cada indivíduo atribui sentido a um mesmo objeto e também como nossos antepassados influenciaram nossos hábitos.

CAPÍTULO 1: A PESCA EM ANGRA DOS REIS E O CAIS DE SANTA LUZIA

A pesca em Angra dos Reis tem sido um dos fatores de emprego e renda para os profissionais da pesca e dos redeiros que atuam nos remendos das redes de traineiras no Cais de Santa Luzia. Toda movimentação de peixes na cidade passa por este cais. O Cais da Lapa teve também sua contribuição quando era usado para descarga de peixes das embarcações e da manutenção das redes de traineiras. Essa atividade foi transferida para o Cais de Santa Luzia, que denominou-se cais dos pescadores (ANGRA DOS REIS 2014)

Inaugurado em 2008, o píer de 140 m² tem capacidade para atracar seis embarcações simultâneas, e também possui uma estação com funcionamento 24h. Este cais público administrado pela Prefeitura Municipal de Angra dos Reis possui uma área de desembarque de 308,18 m² e acostagem de 154,09 m de comprimento, com cabeços singelos para a amarração de 6 embarcações por vez.

O local também oferece o serviço de abastecimento de combustível com uma bomba de gasolina (PORTO DE ANGRA DOS REIS. GOV. BR). Os pescadores foram transferido do Cais da Lapa para o então denominado Cais Santa Luzia que é utilizado na descarga das frotas de cerco



Figura 3. Rede de traineiras no Cais de Santa Luzia. Fonte: o autor.

1.1 O Cais da Lapa

Localizado no bairro São Bento, de propriedade de DOCAS. RJ Segundo Pascoal (2010), era conhecido como cais de Arrimo. Com extensão de 150 m comprimento, de três a quatro metros de profundidade, faz uma curva de concordância com o ponto de embarque dos rebocadores que transportam passageiros entre Angra dos Reis, Ilha Grande e Mangaratiba.

Nesse cais funcionava o entreposto de pesca inaugurado na Era Vargas, em 1940 (PASCOAL, 2010, p. 215). Neste cais havia um britador para moer gelo em barras, que vinham da fábrica de gelo da CIBRAZEM (Companhia Brasileira de Armazéns), e um posto de abastecimento de diesel para os barcos de pesca. Era utilizado também para manutenção das redes das traineiras. Era o ponto de descarga de pescado até o ano 1998, quando os pescadores foram transferidos para o cais de Santa Luzia.

Toda mercadoria das áreas insulares passava pelo Cais da Lapa. As canoas que vinham da Ilha da Gipoia e da Ilha Grande descarregavam suas mercadorias e materiais como banana, peixe seco, farinha e outros, além da descarga de peixes das traineiras. O cais esta voltado para o lado sul, em frente à Ilha Francisca e não dá condição de abrigo quando venta sudoeste, ficando inviável a atracação e a permanência neste cais.



Figura 4: Cais da Lapa, embarque para Ilha Grande e Mangaratiba.

Fonte: www.ilhagrande.com.br acesso em 12/03/2025 .



Figura 5: Foto do Cais do Porto e ao lado esquerdo o Cais da Lapa.

Fonte: Google Earth

1.2 O Cais da Lapa e a mudança de estrutura na pesca em Angra dos Reis

Este cais faz parte da história da cidade de Angra dos Reis sendo o segundo lado do cais do porto e serviu como cais de atracação tanto para os pescadores da Ilha Grande quanto de outros locais que vinham para abastecer de óleo e gelo as suas embarcações. Faziam seus pontos de atracação neste porto para fins de carga e descarga.

A minha iniciação na pesca deu-se neste cais. Havia uma grande movimentação de caminhões e embarcações de vários portos como do Rio de Janeiro, de Itajaí, Florianópolis, Ubatuba, São Sebastião e Santos. Os barcos mais organizados e bem cuidados eram os de Itajaí e os de Santos.

Estes barcos aguçavam os olhares de pescadores da região da Baía da Ilha Grande, fazendo que desejássemos pescar nestas embarcações grandes com conforto e muita fartura de alimento e mais, com a fama de darem mais lucros do que os barcos da nossa região. As embarcações do Porto de Itajaí e de Santos traziam novidades nos seus materiais de pesca, mais tecnologias, e os barcos tinham Power Bloch que começou a aparecer a partir do ano de 1988 nos portos de Itajaí e Santos.

A pesca em Angra dos Reis teve seu início no século XX em escala artesanal, adquirindo proporções industriais a partir dos anos 1960. Segundo relatos de pescadores mais idosos a contribuição maior da pesca nesse período veio da Ilha

Grande, nas praias de Araçatiba e Provetá, e da Ilha da Gipoia, aonde chegaram os primeiros barcos de traineiras com rede de material de algodão.

A sardinha, principal espécie explorada na Baía da Ilha Grande, era o produto mais comercializado. “Após uma década de crescimento, a produção recorde de 228 mil toneladas foi registrada em 1973. A industrialização do pescado foi implementada através da instalação de diversas fábricas de sardinha na Ilha Grande entre as décadas de 40 e 70” (ANGRA DOS REIS, 2007). As fábricas do Bananal e Matariz foram as últimas a serem desativadas. Em meados da década de 1980, alguns barcos de traineiras descarregavam na fábrica de salga de sardinha da Praia do Matariz.

Nesse tempo eu estava embarcado em uma traineira e os comentários nos barcos de pesca eram que essa atividade das fabricas de salgas de sardinhas já não se sustentavam. Havia a rigorosa fiscalização dos órgãos ambientais, a diminuição na oferta do pescado, a concorrência de outras regiões do país e novas leis de políticas ambientais e de criação de Unidades de Conservação na Ilha Grande (FERREIRA, 2010, p. 22).

Algumas comunidades de Angra dos Reis ainda mantêm as tradições da pesca artesanal e lutam para que este ofício não desapareça. Na Ilha Grande, a pesca artesanal persiste nas praias de Provetá, Araçatiba, Longa, e na Baía da Ribeira. Na Ilha da Caeira, há alguns barcos de pesca de traineiras que dependem de profissionais do remendo de rede. Segundo a pesquisa do Instituto Bio Atlântica (IBio, 2009), havia em 2009, na cidade de Angra dos Reis, seis comunidades de pescadores artesanais: Perequê, Mambucaba, Frade, Vila Velha, Ponta Leste e Garatucaia. Na Ilha Grande as comunidades de pescadores naquele momento eram: Ilha da Gipóia, Abraão, Saco do Céu, Japariz, Bananal, Matariz, Sítio Forte, Maguariqueçaba, Praia da Longa, Araçatiba, Praia Vermelha, Provetá, Aventureiro, e Praia Grande de Palmas.

Até os anos 1960 não existia comercialização de peixes em Angra dos Reis. A PROPESCAR – Cooperativa de Produtores da Pesca de Angra dos Reis –, foi fundada em 27 de maio de 1967 por um grupo de 7 armadores da Ilha Grande e da Ilha da Gipoia. Tendo como objetivo oferecer aos seus cooperados o transporte rodoviário do pescado até o Rio de Janeiro, que até então era levado pelas próprias embarcações, foi e continua sendo, em termos de cooperativa, a entidade que promove meios para que o ofício dos pescadores permaneça na cidade e no Cais de Santa Luzia.



Figura 6: PROPESCAR (Cooperativa de Produtores da Pesca de Angra dos Reis ao fundo). Fonte: o autor

Tanto a pesca profissional quanto a artesanal tem sido fonte de subsistência para comunidades tradicionais da cidade de Angra dos Reis. A arte da pesca em Angra dos Reis tem uma significação para esses profissionais do mar e da rede, pois escolheram esse ofício, a fim de emprego e renda nesta atividade, contribuindo para que se perpetuem os saberes construídos neste setor de trabalho.

Thompson, falando sobre o aprendizado e experiência, observa que: “O mesmo acontece com os ofícios que não tem um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou de sabedoria comum da coletividade” (THOMPSON, 1991, p.18).

A pesca artesanal de traineiras vem sendo substituídas nas comunidades pesqueiras por outras atividades econômicas, como é o caso do turismo na Ilha Grande, que se tornou uma alternativa de garantia do sustento desses profissionais da pesca. Nessa nova modalidade exige-se que haja um aprimoramento do pescador para setores marítimos, quando para a marinha mercante e de esporte e recreio. No que tange esse assunto, Souza Junior (2010, p.36), observa que:

A utilização do trabalho familiar seria fundamental para a manutenção da estabilidade do trabalho, mas atualmente se reproduz de maneira inserta, já que no ambiente de sua reprodução a educação formal dos filhos se apresenta como um momento de incompatibilidade, pois se torna uma alternativa ao trabalho sofrido no mar. Essa nova possibilidade de formação profissional fora do âmbito da pesca, além de ser buscada pela maior parte daqueles que seriam os futuros pescadores, é legitimada e quistada pelos pais como forma de zelo pela vida dos filhos, por causa do risco presente na atividade do mar e pela provável estabilidade da vida na terra.

Na comunidade de Provetá, onde cresci, as crianças terminavam o antigo primário e em seguida iam acompanhadas pelos pais para a pesca de traineira, e tinha sua iniciação como homem do mar, ajudando nas despesas da família. Com a chegada do Ensino Fundamental completo e Médio em 1998 na vila de Provetá, mudaram as tendências de trabalho familiar, passando a ser discutido o futuro dos filhos no trabalho da pesca.

Os pais dos alunos dessa praia não têm mais o desejo de ver seus filhos como pescadores de traineiras, surge nessa população o pensamento de inferioridade no ofício de pescador. Os fatores que desencadearam esse pensamento da pesca foi o baixo desenvolvimento da produção, a dependência do pescador a outros agentes pertencentes a classes hegemônicas e a intensa precarização da atividade, que caracteriza esse grupo como pequena produção mercantil, isso amplia esse circuitos inferiores da economia (SOUZA JUNIOR 2023, p.25) .

Para a população dessa praia da Ilha Grande, a pesca perdeu sua principal validade, sendo apenas um ofício secundário quando não há outra opção. Porém há importância no trabalho da pesca. Para Souza Junior (2023, p.25), é errôneo classificar tal organização produtiva como estática e histórica, pois várias inovações tecnológicas (rede de náilon, motores etc.) foram absorvidos nos locais de pesca sem que houvesse transformações profundas na organização da produção.

No Cais de Santa Luzia, a discussão sobre o futuro da pesca em Angra dos Reis entre os pescadores de vários locais da Ilha Grande e Ilha da Gipoia não é animadora. A modernização tecnológica na pesca não incentiva essa geração de estudantes às tendências profissionais no que tange à pesca. Não se fala nem mesmo entre esses estudantes das praias que ainda têm barcos de traineiras acerca da manifestação de alguém ter o desejo de ser profissional da engenharia da pesca, em mecânicas de motores a diesel, biologia marinha, carpintaria naval e outras.

As profissões entre os alunos da praia de Provetá mais destacadas são: professor, odontologia, administração de empresas, direito, medicina. Isso se tornou

uma tendência quando se trata de atividades modernas, não se pensa mais na pesca ou na rede de pesca.

Em uma das minhas conversas no Cais de Santa Luzia, mostrei aos amigos e parentes da Vila de Provetá que a rede de traineira foi à maior revolução da pesca na Ilha Grande. Pois sem esta tecnologia não existiria um número significativo de população nativa nas quatro maiores comunidades da Ilha Grande, que são: Provetá, Araçatiba, Praia da Longa e Praia do Aventureiro, incluindo também as praias da Ilha da Gipoia, cujos moradores que viviam da pesca venderam suas propriedades para ocuparem os morros do Centro da cidade de Angra dos Reis.

Com chegada dos barcos com redes de nylon e polifilamento de cor azul, a pesca da sardinha deu um salto, chegamos ter na praia de Provetá, Araçatiba e na Ilha da Gipoia cerca de 150 barcos de traineiras. A população dessas praias trocou suas casas de pau a pique e passaram a morar em casas de alvenaria pelos lucros que estavam obtendo do mar. Os pescadores das praias de Provetá, Araçatiba e da Ilha da Gipoia ainda exercem suas funções de redeiros no Cais de Santa Luzia. São os únicos desta redondeza que ainda mantêm suas atividades no ofício de rede de pesca de traineira.

Atualmente, os pescadores e redeiros do Cais de Santa Luzia sinalizam a pesca na região da Baía da Ilha Grande como atividade em declínio. Os números de barcos de traineiras vêm diminuindo nos últimos anos, conforme a última pesquisa levantada pela Secretaria de Pesca da Prefeitura de Angra dos Reis. Segundo dados desta Secretaria, o último levantamento realizado constatou cerca de 80 barcos atuando na modalidade de traineira (cerco), 106 de arrasto (pesca do camarão rosa), 15 de corvina e 84 nas demais modalidades, conforme tabela abaixo.

Categoria	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Traineira	77	91	91	132	132	89	89	89	85	85	80	80	80	80	80	80
Arrasto	81	80	80	125	125	64	64	64	85	110	106	110	110	106	106	106
Corvina	0	0	0	2	3	4	4	4	4	4	3	3	3	15	15	15
Outras	22	22	22	59	59	84	84	84	84	84	84	84	84	84	84	84
TOTAL	180	193	193	318	319	241	241	241	258	283	273	277	277	285	285	285

Tabela 2. Dados sobre barcos de pesca de Angra dos Reis.
Fonte: Angra dos Reis, 2017.

Não há pesquisas recentes do município concernentes ao quantitativo de barcos. As informações a respeito das embarcações me foram passadas pelos

próprios pescadores que atuam diretamente no Cais de Santa Luzia. Em uma reunião realizada em Brasília no Ministério da Pesca, em 2007, os representantes da Secretaria de Aquicultura e Pesca de Angra dos Reis fizeram um histórico da pesca na Baía da Ilha Grande, mostrando a sua importância para Angra dos Reis, Paraty e Mangaratiba. Explicaram que, ao longo dos últimos 10 anos, a frota de barcos nestes locais vinha diminuindo (ANGRA DOS REIS, 2007).

A falta de um entreposto de descarga de peixes tem sido crucial na vida desses pescadores. Para Souza Junior (2023), a construção de um entreposto de pesca transformado circuito espacial de produção da pesca, pois passa por uma política de criação de equipamentos públicos que garantem o controle, inspeção, armazenamento e beneficiamento do pescado.

A busca de novas realidades sociais pelos pescadores do Cais de Santa Luzia exige que os representantes da pesca apresentem melhorias para as condições de produção dos pescadores, como: subsídios para os principais produtos de abastecimento de óleo e gelo, créditos bancários facilitados para a manutenção dos barcos, locais de fácil acesso para reparos de seus apetrechos, recursos jurídicos nas questões de multas astronômicas aplicadas aos pescadores em caso de infração das leis ambientais – fatores que implicam a diminuição dos barcos de pesca em Angra dos Reis.

Os pescadores das embarcações de menor porte são de pesca costeira, monitoradas com mapa de localização e satélite, o qual é informado ao INEA (Instituto Estadual do Ambiente). Sobre esse assunto, entrevistei o pescador e armador Gilsemar de 59 anos, que me informou o seguinte:

Eu fui multado no cais de santa Luzia quando estava descarregando sardinha savelha, que tinha cercado a noite. No meio desta sardinha veio algumas peças de sardinha maromba e como estava no defeso os policiais acharam que eu tinha pescado sardinha maromba, fui detido e tive que explicar que não é possível separar as sardinhas maromba da sardinha Savelha, lá no mar elas estão juntas no mesmo cardume, mostrei o mapa e a minha localização fora da área de preservação ambiental. Mesmo assim não entenderam. Não teve jeito, fui multado e com valor altíssimo, não tem como pescar nessa situação, do governo não tem nada, do município nada vem, como podemos sobreviver assim? Estamos no defeso, mas existem outros peixes para pescar que não estão proibidos, mas só porque vêm algumas sardinhas maromba somos multados, não tem como se manter nisso não.
(Entrevista colhida no Cais de Santa Luzia, 05/03/25).

1.3 Questão da pesca profissional e artesanal em Angra dos Reis

No que tange à arte da pesca há vários meios de transmitir seus conhecimentos através das comunidades tradicionais, nos fazeres e saberes, e promover através desses debates, questões relevantes na área da Educação Ambiental dos caiçaras que mantêm suas artes ligadas às tradições (SOUZA & LOUREIRO, 2018, p.6), como o remendo de redes, as descargas de peixes, os trabalhos manuais em redes de emalhe de nylon e cordas de polietileno.

Os conhecimentos tradicionais da pesca e da rede de traineiras desse grupo de pescadores do Cais de Santa Luzia se definem pelo saber e o saber-fazer oralmente passados de geração em geração (DIEGUES, 2004,p.14). Apesar da importância do ofício de redeiros procedimentos de ensinar o remendo de rede tem sido um fracasso.

As novas gerações não têm interesses pela tradição da pesca. Esse ponto de vista, modernidade e tradição possibilita a existência e o amadurecimento crítico de diferentes grupos sociais e permite a conformação de novas forma de vida (ARAUJO, 2011.pg. 32). Esse conhecimento de tecer ou armar rede de pesca ofuscar-se pelos mais experientes que exercem e manejam as redes de traineiras, torna-se para esses instrutores da pesca um desafio incentivar a outros essa arte.

Para Diegues (2004, p.47) com o tempo e a passagem à captura industrial, a pesca poderá perder sua importância para os contingentes humanos atualmente a ela ligados. Muitos jovens passam a entender que seus ensejos não serão obtidos nos meios apresentados para ancorar o conjunto de expectativas da profissão almejada. Desta forma, se sentem impelidos a abandonar esse ofício da pesca, procurando outras atividades mais rendosas.

Na cidade de Angra dos Reis, muitos pescadores abandonaram a pesca para trabalhar como auxiliares de convés, marinheiros de esporte e recreio e em rebocadores, devido à instabilidade e às condições de direitos trabalhistas, pois a maioria dos pescadores não tem carteira assinada, ficando sem amparo social no defeso.

A secretaria de pesca junta com secretaria de turismo vem conduzindo no Cais de Santa Luzia uma reforma através da prefeitura de Angra dos Reis junto a secretaria de obras e urbanismo, mudando a estética no local. Esse cais é localizado no centro da cidade e chama a atenção pelo atual estado em que se encontra por ser usado simultaneamente pelos pescadores e pelas agências de turismo com translado para a Ilha Grande.

As obras de reforma teve início em 22 de julho de 2024. O projeto prevê uma transformação urbana completa do local. Entre as melhorias previstas, estão à instalação de bancos, paisagismo, árvores de captação de energia para recarga de celulares e computadores, além da criação de uma área destinada à contemplação da paisagem e do processo pesqueiro.(ANGRA DOS REIS,2024)



Figura 7. Projeto de revitalização do Cais de Santa Luzia. Fonte: Angra dos Reis, 2024.

No projeto do cais de santa Luzia observa-se uma nova paisagem urbana, uma área de passeio sem as redes de pesca e barcos atracados no cais. Essa modernização induzida provoca mudanças nesta área e que desencadeia o local de trabalho dos pescadores, redefinido o lugar e transformando seus agentes.

Os pescadores e redeiros estão questionando o poder público se haverá lugar para a prática de remendo de rede no novo cais. Pois ainda não informaram como se dará esta mudança de local para a pesca.

Em entrevista, o redeiro e pescador Gildo José Albino de 58 anos, afirmou que:

Os pescadores são os últimos a saber sobre o que acontece com a pesca em Angra dos Reis. Não sabemos onde a prefeitura vai colocar os remendadores de rede e as descargas de peixe, a pesca em Angra parece que não tem importância. Vão mudar tudo isso aqui, só não sei para onde. (Entrevista realizada no Cais de Santa Luzia em 10/04/25).

Nesse sentido a atividade do remendo de redes de traineiras em Angra dos Reis não é priorizada pelos principais agentes públicos que são responsáveis pela organização do abastecimento do pescado e modernização do setor pesqueiro, fato

que o atual projeto não apresenta nem dá detalhes a criação de um espaço para esta arte de remendo das redes de pesca.

É necessário antecipar as políticas de desenvolvimento do setor, ampliando ou redirecionando os espaços da pesca na cidade. Para Moreira (2010, p.10), dissertando sobre os pescadores artesanais da comunidade de Baiacu - Bahia, a pesca é uma atividade extrativista intimamente relacionada às condições ambientais, à poluição, à legislação ambiental e às questões sociais. Entretanto, a atividade da pesca artesanal é quase ignorada, assim como a importância econômica da sua atividade, no seu papel de sujeito ativo na reprodução social.

No que tange às mudanças do Cais de Santa Luzia, a preocupação da prefeitura se concentra na estética que o município apresenta para o turista na chegada da cidade. As descargas de materiais de construção e o recolhimento de resíduos vindos em barcos da Ilha Grande são os principais motivos que estão incentivando essa mudança, como afirma o veículo de informação da Prefeitura Municipal:

A Prefeitura de Angra dos Reis, por meio da Secretaria de Agricultura, Aquicultura e Pesca, vem buscando medidas para facilitar o trabalho da comunidade pesqueira do município, atendendo aos pedidos de uma das categorias profissionais mais tradicionais da região. Nessa quarta-feira, dia 15, o secretário da pasta, Jorge Eduardo Mascote, reuniu-se com a diretoria da Splenda, concessionária que administra o porto de Angra. A pauta principal foi o embarque de materiais de construção e bebidas, além do desembarque do lixo (resíduos sólidos) vindo da Ilha Grande, que atualmente são feitos no Cais dos Pescadores. O objetivo da Prefeitura é que essas operações passem a ser feitas no Cais da Lapa (ANGRA DOS REIS, 2025)

Os redeiros e pescadores do Cais de Santa Luzia têm suas atividades voltadas ao que acontece neste cais, portanto há uma demanda dessa classe para melhoria das condições do local, porém as mudanças que estão ocorrendo não são para beneficiar os pescadores, mas sim para que seja um cais voltado para as atrações turísticas. Além da pesca, há outras atividades que são praticadas neste local, e que fazem com que esse cais concentre uma diversidade de trabalhadores.

As obras que estão sendo realizadas pela iniciativa da prefeitura mantêm as divisões pesca e turismo. Os pescadores não sabem informar o local que vai ser destinado para os reparos das redes de traineiras e se haverá dificuldade de entradas

de materiais de construção civil com destino à Ilha Grande, e se o espaço para trabalhos de remendo de rede vai ser remanejado. Há uma preocupação dos redeiros nessa questão da paralisação desse meio de complemento de renda desta categoria da pesca.

Outra questão comentada no cais Santa Luzia é como a Secretaria de pesca vai fazer para registrar as informações de produção estimada e estatística de tonelagem da pesca, se não há funcionários dessa secretaria para informar a chegada das embarcações de traineiras que entram na cidade de Angra dos Reis.



Figura 8. Corte de cabelo de pescador no Cais de Santa Luzia. Fonte: O autor

Os cabeleireiros também estão presentes neste cais cortando os cabelos dos pescadores nos momentos em que eles estão de folga das descargas e abastecimento dos barcos, antes de sair para o mar. Sobre este assunto, Eckert et al (2015, p.134) comentam que: os conhecimentos da profissão e o engajamento ao ambiente serão vividos de formas tão diversas quanto forem os clientes encontrados ao longo da vida, com seus diferentes tipos de cabelo, barba, pele, formato de cabeça e rosto. Mesmo onde a profissão de pesca é o fator principal há diversidades de funções, e um mercado paralelo em funcionamento devido à atividade do pescador.

As atividades que surgem no Cais de Santa Luzia são oportunidades para outros profissionais que não são da pesca, como vendedores ambulantes, eletricitas, mecânicos de modalidades de máquinas a diesel, hidráulica de Power Bloc, serralheiros e carpinteiros, etc. Esses profissionais dão assistência às embarcações que necessitam de serviços de urgência, pois um dia perdido de pescaria para estes pescadores é um enorme prejuízo, sem contar também os descarregadores que não atuam como tripulantes, mas ajudam na descarga do porão e os motoristas com seus caminhões, tabuleiros para as descargas. Segundo Diegues (1983, p. 48) o produto final é fruto de tarefas parciais executadas por trabalhadores que executam tarefas manuais sem qualificação e que podem ser executadas alternadamente por todos.

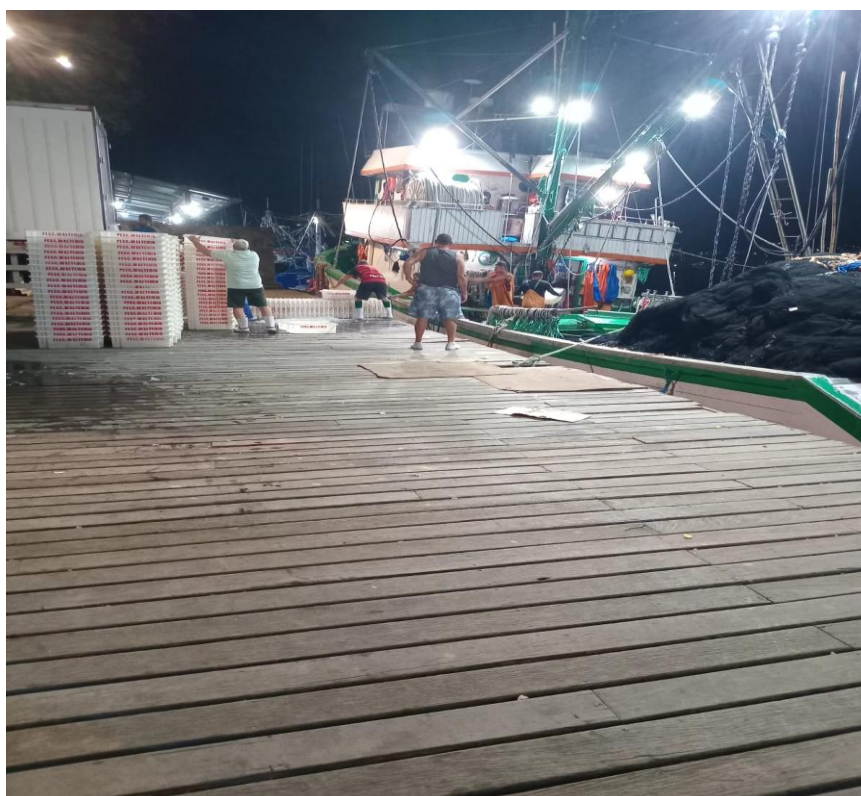


Figura 9. Barco de pesca à noite na descarga de peixe, Cais de Santa Luzia.
Fonte: o autor

As políticas públicas para a pesca em Angra dos Reis é de responsabilidade da Secretaria de Agricultura, Aquicultura e Pesca, órgão público que tem como objetivo fomentar e buscar soluções específicas para o setor pesqueiro, e que no uso de suas atribuições tem discutido acerca das questões que fazem parte das atividades da pesca. Entre elas está o Cais de Santa Luzia, principal cais de descarga de peixes dos pescadores.

Outra questão importante está relacionada às licenças da pesca da sardinha verdadeira e da cota da pesca da tainha (pesca da tainha realizada por safra nos meses de maio a julho). Concedidas pelo Ministério da Pesca para os armadores (proprietários de barcos de pesca), essas autorizações servem para a realização da captura e venda desse pescado. No ano de 2023, o então Secretário da Pesca de Angra dos Reis foi à Brasília e reuniu-se com o então Ministro da Pesca para tratar de “assuntos como a valorização do pescado nacional diante de uma disputa contra o produto estrangeiro, aumento do número de licenças de pesca da sardinha e da tainha e mais apoio da União ao cadastramento de pescadores da cidade (ANGRA DOS REIS, 2023).

As medidas tomadas pela Secretaria de Pesca de Angra dos Reis têm deixado de lado a busca de informações relevantes acerca dos pescadores e redeiros. Também estão em falta os conselhos promovidos pela entidade para debater as principais questões dos pescadores, como: defeso, espaço físico de trabalho de redeiros, a pesca da corvina (proibida as traineiras), subsídios de óleo e gelo para embarcações de pesca, prioridades para as embarcações da localidade para descarga e outras reivindicações que estão nas discussões dos pescadores do Cais de Santa Luzia.

Na questão de gestão da pesca em nível nacional, também há carência no que diz respeito às questões relacionadas à construção de políticas públicas do setor da pesca, acerca das cotas de pesca de tainha, da pesca da lagosta e do pargo na costa da Bahia e do Ceará. A suspensão do comitê de gestão permanente impede que pessoas que vivem da pesca sejam ouvidas, bem como cientistas e organizações da sociedade civil que há anos atuam para a promoção da pesca sustentável (ZAMBONE 2023). Nesse mesmo assunto Zamboni (2023) em seu artigo responde que:

a principal – causa da precariedade do ordenamento da pesca no Brasil. Por exemplo, não se tem registro de reuniões formais do CPGs(comitê permanente de gestão) Demersais Sudeste e Sul, responsável por gerenciar algumas de nossas mais importantes pescarias industriais e artesanais. Não se espanta que algumas frotas demersais(pesca de arrasto ou traineiras em profundidade) ainda sejam regradas por portarias publicadas na década de 1980, um verdadeiro absurdo sob qualquer ótica, seja ela ambiental seja socioeconômica. (pg. 1)

Nesta questão de gestão da pesca no território angrense, a Secretaria de pesca em Angra dos Reis em 2013 deixou de realizar o Conselho Municipal de assuntos que são importantes para o setor. Demandas de infra-estrutura e facilitação

de licenças concedidas pela secretaria para a pesca artesanal de angra dos reis deixaram de ser realizadas nesse período (ANGRA DOS REIS, 2013), A informação dada pela secretaria foi que:

Segundo informações do então secretario de Pesca no ano de 2013, Júlio Magno, em janeiro a prefeita Conceição Rabha solicitou que fosse feito um levantamento sobre o CMAP, que estava há dois anos sem realizar reuniões. Após o levantamento (...) foram decididas, por unanimidade, a reformulação e a inclusão de novas entidades no conselho, (...) incluídos nas discussões de políticas pesqueiras do município(ANGRA DOS REIS, 2013).

No âmbito da pesca em Angra dos Reis essa discussão vem crescendo em relação a esses processos de marginalização e incluem as entidades centradas no estado, instituto estadual do Rio de Janeiro (INEA) Instituto brasileiro de meio ambiente (IBAMA) que atuam na maioria das vezes com as apreensões de barcos de pesca.

Não há indícios de que estas entidades de fiscalização nas presentes reuniões trouxessem soluções para a situação da pesca. Este órgão institucional federal aparece na fala dos pescadores centralmente como fiscalizador e punitivo. Há outras maneiras de se fazer esse ordenamento pesqueiro, sendo menos vertical e excludente no qual esteja atento às especificidades da pesca.

O conflito dos pescadores é principalmente com o Estado – indiretamente, com instâncias federais e municipais responsáveis pela criação das leis. Para Leal (2013, p.88), a negação do reconhecimento ameaça a identidade que as pessoas constroem para si. Em virtude da importância do reconhecimento e da força das expectativas em torno dele, tal negação tende a ser vivida como desrespeito ou ofensa. É nesse sentido que os pescadores se sentem a respeito ao tipo de abordagem que é feito pelos órgãos fiscalizadores quando estão no porto ancorado ou na pesca.

O cerne da discussão sobre essas condições foi realizado em 2009, em uma reunião com algumas autoridades municipais angrenses representadas pelo então secretário de Atividades Econômicas do município na participação da audiência pública “Situação da pesca em nosso município – preocupações, anseios e norteamentos”, o chefe do escritório regional do IBAMA de Angra dos Reis representado por José Augusto Morelli, afirmou que:

O IBAMA é “criticado por pescadores, ele ressaltou que nunca se recusou a debater a questão da pesca e que os pescadores hoje sofrem “com mais de vinte anos de omissão dos órgãos

ambientais na cidade, em termos de fiscalização”. José Morelli, depois de explicar que não é o IBAMA que cria as leis sobre meio ambiente nem define os valores das multas, foi aplaudido pelo público. “O Congresso Nacional, lá em Brasília, é que modifica e também cria leis”, afirmou. “O IBAMA está em Angra dos Reis, assim como outros órgãos públicos, para atender aos interesses da coletividade, não os individuais”, disse. (ANGRA DOS REIS, 2009)

Os motivos dos pescadores discordarem do discurso do chefe do IBAMA de Angra dos Reis é o que chamam de falta de respeito, o não reconhecimento deles como trabalhadores, em oposição a “bandidos” ou a “um nada”. Face aos agentes estatais de fiscalização e repressão que promovem a negação desse reconhecimento, sentem-se desrespeitados e motivados a se organizar coletivamente para participar do conflito que se configura (LEAL, 2013, p. 88).

As questões que levam o pescador a aventurar-se no mar dizem respeito à assistência da família que espera ansiosa pela chegada dos barcos em seus portos, principalmente as que moram em comunidades caiçaras de face voltada para o mar. Porém, o raio de atuação dos pescadores artesanais da Baía da Ilha Grande é restrito à costa e às baías do Sandri e Ribeira, também do lado Norte, a ponta do Castelhana, Praia do Sino (Marambaia) e a Ponta da Juatinga.

Nesses locais, há restrições de pesca e ancoragem nas áreas de proteção ao ambiente (ilhas e baías), devido à intensidade da pesca predatória dos barcos industriais de Santos e Itajaí que vinham pescar nestas águas rasas ricas em peixes bentônicos peixes que vivem associados ao fundo de ambientes aquáticos e pelágicos (peixes que vivem em mar aberto não próximo ao fundo ou a costa).

Os territórios tradicionais da pesca artesanal foram sobrepostos com a criação da ESEC Tamoios. Como Estação Ecológica não prevê o uso de recursos, a pesca artesanal constitui um dos principais conflitos com a categoria (ICMBIO 2025 pg 22) e os pescadores artesanais da costa sul fluminense tiveram suas áreas de pesca restritas por leis ambientais que surgiram como resposta aos danos causados pela pesca predatória:

A pesca predatória é definida como a retirada de indivíduos de uma população natural em uma velocidade superior à capacidade de recuperação do estoque. Isto significa que, em uma população sobre explorada, a quantidade de peixes removida é maior do que o ganho de novos indivíduos a partir da reprodução de seus integrantes, levando ao declínio e, em casos mais acentuados, à extinção da população (Souza, 2022, p.1).

Para Diegues (1999, p.10), as empresas de pesca capitalistas investiram em barcos com grandes capacidades de estoque de peixes, fazendo que houvesse competição nesse setor. Isso levou à exploração dos locais de pesca dos pescadores artesanais que foram afetados pela pesca predatória, causando uma grande mortandade de peixes miúdos pelo arrasto, problema da perda de material de pesca como redes e outros apetrechos de pesca tradicionais.

Isso acontece quando barcos industriais invadem as áreas que predominam a pesca artesanal. As redes de espera, espinhel, covos, são materiais de pesca artesanal e são levados ou avariados pelos grandes barcos de arrastão que passam no local dessa pesca tradicional, trazendo severas consequências para aqueles que possuem apenas meios artesanais no processo de pesca.

Devido ao desgaste com impedimentos das leis ambientais que impedem o trabalho de pesca artesanal em áreas que antes eram os pontos de pescarias, os pescadores e redeiros de Angra dos Reis atuantes nos Cais de Santa Luzia permanecem nas suas atividades rotineiras, com um olhar voltado para as políticas relacionadas à pesca, que segundo eles não os motivam a permanecer no setor.

Este descaso é comentado por Diegues (2004, p.182) quando fala sobre as falácias no que tange aos pescadores artesanais: “até nos órgãos de administração pesqueira que vêem na pesca artesanal um setor marginal ou uma peça de folclore”. A luta desses atores da pesca permanece no âmbito de suas ocupações ou profissão, como alguns que vêem a pesca como fonte de emprego permanente.

A pesca de traineira em Angra dos Reis representou uma ruptura com a pequena pesca praticada no litoral sul fluminense e possibilitou transformações nas relações internas do trabalho e nas atividades do remendo das redes, inserindo parte dos pescadores caiçaras que eram recrutados em suas comunidades, e os novos pescadores profissionais em um sistema industrial com especializações de funções (AFONSO, 2013, p.188).

A canoas a remo as quais os jovens praticavam suas atividades de pesca foi trocada por barcos motorizados mudando o padrão de pesca de modo nativa para profissional. Comentando sobre esse assunto Sautchuk (2015, pg 111) com a inclusão da rede, do gelo e a mudança de espécies comercializadas, sejam muito mais significativas (inclusive do ponto de vista econômico) do que a variação de alternativas à pesca.



Figura 10. Barco de traineira dos anos 80 sem Power block . rede colida de forma braçal. Fonte: o autor.

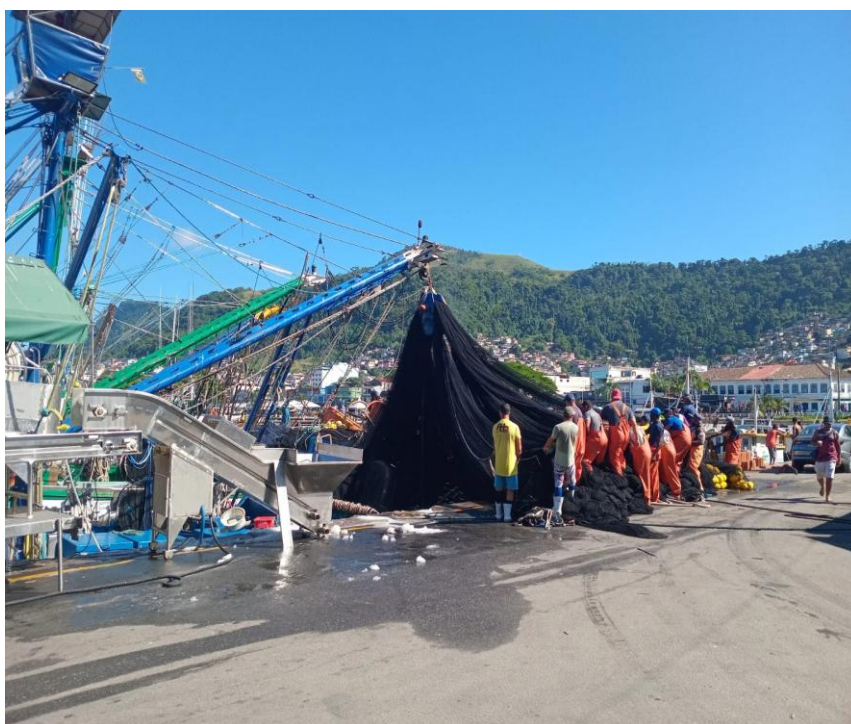


Figura 11. Embarcação de pesca industrial do Porto de Itajaí manejando a rede para reparos no Cais de Santa Luzia, Angra dos Reis. Fonte : o autor



Figura 12. Embarcação do Porto de Itajaí fazendo manutenção de remendo de rede de traineira no Cais de Santa Luzia, Angra dos Reis. Fonte: o autor

Ao longo dos anos, o número de barcos de pesca de traineiras de Angra dos Reis tem diminuído, e os barcos que estão em atividade muitas vezes ficam parados por não terem tripulação. Segundo o pescador e redeiro Gerson Martins, de 64 anos:

Não há tripulantes para trabalhar nos barcos, hoje esta difícil um tripulante que tem vontade de trabalhar, estamos correndo nos bairros da cidade e nas praias da Ilha Grande e não tem ninguém que se manifeste, está ruim demais para trabalhar hoje na pesca.

Se hoje existe turismo nas comunidades tradicionais da Ilha Grande, é porque a pesca foi por muitos anos a base da existência dessas comunidades. Portanto, esses trabalhadores marítimos que atuam nas escunas e barcos de esporte e recreio são filhos de pescadores e aprenderam no ofício da pesca a arte de navegar (JOVENTINO, 2013. Pg. 17)

Na costa da Baía da Ilha Grande há grandes empreendimentos que, ao longo do tempo, têm se expandido na região. Transpetro, Furnas, BrasFELS, DOCAS do RJ, sem contar uma grande expansão de iates clubes e condomínios diversos. A questão da poluição das águas tem sido um fator preocupante para os pescadores e maricultores da região que frequentam o Cais de Santa Luzia.

Celestino et al (2021.pg 90),dissertando sobre os problemas da pesca artesanal no Rio de Janeiro, afirmam que :

São problemas causados, entre outros fatores, pela especulação imobiliária, indústria do turismo, pela pesca industrial, pela atividade portuária e exploração de petróleo, sendo fatores de conflito encontrados no estado do Rio de Janeiro.

A estrada Rio-Santos tem uma importância significativa para os pescadores artesanais da Baía da Ilha Grande, principalmente quando se trata da venda de peixes nos mercados locais e do Rio de Janeiro. Os peixes capturados em locais de face oceânica, onde as redes de espera estão instaladas ou de pequenas traineiras que trabalham nestas áreas, são manipulados pelos próprios pescadores, e são vendidos nas praias ou restaurantes locais.

Já as embarcações maiores de traina descarregam o pescado no Cais de Santa Luzia. O pescado é então levado para a área urbana para as peixarias locais, ou para o CEASA do Rio de Janeiro. Quando a atividade da pesca é abundante, a cadeia produtiva abastece os mercados do Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, por causa dessa abundância, o pescado pode ser comercializado a preços baixos, que muitas vezes cobrem apenas as despesas dos pescadores com óleo e gelo.

A pesca industrial no Brasil teve sua capacidade produtiva ampliada quando as redes de algodão foram substituídas pelas redes de panagens sintéticas ou de náilon multifilamento, que foram introduzidas nas embarcações a partir de 1965 (CERGOLA & NETO, 2011, p. 57). Os barcos dos portos de Santos e Itajaí tiveram uma acelerada evolução tecnológica nas modalidades de pesca, e na infra-estrutura de cais e armazenamento nos portos.

Já as demandas de pesca em Angra dos Reis não foram tão bem atendidas quanto nos portos citados. Apenas a cooperativa de pesca a (PROPECAR) fazia frente para ao desenvolvimento das descargas de peixes e abastecimento de óleo e gelo para as embarcações de pesca. As pescarias de traineiras em Angra dos Reis tiveram uma concentração acentuada nos anos 1990 quando então o estoque de sardinha verdadeira foi de 7.680 t. Já em 1996 chegou a 34.915 t., descarregadas no cais da Lapa (CERGOLA & NETO, 2011, p. 66).

As questões de comércio vendas de peixes também são um entrave entre os barcos de Angra dos Reis e de Itajaí, pois estas embarcações do sul possuem suas políticas de preços combinados entre a tripulação e os proprietários. Com isso, elas mantêm a tabela de valores do pescado em qualquer porto que chegam.

Já nas embarcações do Porto de Angra dos Reis, o pescado fica nas mãos dos atravessadores, sobrando para a tripulação o desgaste de valores de pescaria inferiores a outras regiões. Não é de hoje que vem acontecendo essa forma de desvalorização nas vendas de peixes, pois os atravessadores são os mesmos proprietários das embarcações. Sobre esse assunto, o pescador e redeiro Gerson Martins, de 66 anos, informa que:

Não tem quem nos defenda dessa coisa de vender peixe no mercado por uma quantia e dizer que foi outra. Onde estes barcos do sul vendem, o nosso também vende e é o mesmo peixe, isso é história para não pagar melhor para o pescador.
(Entrevista realizada em 16/04/2025).

A comercialização do peixe no cais de Santa Luzia começa quando a traineira ainda está em alto mar. De lá, o mestre liga para os atravessadores e informa a quantidade e a qualidade do peixe para ser transportado ao mercado do Rio de Janeiro ou São Paulo. As informações de pescaria dos barcos de traineiras até a sua chegada para descarga impulsionam uma movimentação de trabalhadores no cais.

Máquinas de escolha de peixes, balanças e tabuleiros são organizados em forma de muro para não haver tumulto de pessoas que vêm de bairros distantes para colher sobras de peixes não comercializáveis. Para Ribeiro e Martins (2023 pg.1) a pesca não é apenas uma atividade isolada, mas sim um complexo conjunto de relações que envolvem aspectos sociais, econômicos e ambientais.

A atividade do pescador nesse cais leva a uma condição de tempo e de circulação de valores econômicos cuja aceleração é de responsabilidade do proprietário (armador) do barco. Conforme afirma Diegues (2004, p.106) temos o armador de pesca, cujo objetivo de produção é o lucro monetário, a reprodução do capital, etc. Ao trabalho é atribuído o valor-produção próprio da ideologia moderna vinculado ao espaço produtivo, ou seja, como valor ascensional na consolidação da ideologia econômica e no triunfo do tipo individualista de sociedade.



Figura 13. Pescadores no cais de Santa Luzia na descarga levantando balaies de peixes. Fonte: angra dos Reis. 2013

CAPÍTULO 2: AS RELAÇÕES LABORAIS E OS SABERES DOS PESCADORES

No cais de santa Luzia concentra-se os pescadores artesanais e profissionais moradores desse município, cuja função é os reparos das redes de pesca, manutenção das maquinas dos barcos de traineiras, descargas de peixes e de várias atividades de pesca (camarão, atum, sardinhas e outros), nesse caís os pescadores tiram de suas embarcações as redes para fazerem os reparos necessários em uma traineira.

Esses pescadores vêm de diferentes locais da Baía da Ilha Grande. Cada qual com suas formas de conhecimentos da pesca, alguns com poucas habilidades , sendo forjados no convéns, tomando conhecimento das precariedades ou sendo intimado a ter expertise nas horas de ventanias, ou vagalhões formados pelas correntes dos mares. Com 16 anos tive a experiência dessa profissão, noites e madrugadas de olhos abertos puxando redes em alto mar, sendo orientado pelo meu pai.(Lourival S. Martins).



Figura 14. Jovens da pesca o autor de camiseta azul. Fonte: o autor

Nesse local se reúnem os pescadores que ficam em atividades nas embarcações e os redeiros na manutenção das redes, a respeito dessa experiência Diegues (2015) comenta sobre o encontro dos pescadores artesanais de região santista e informa que: “é nesse território onde as atividades pesqueiras tradicionais se desenvolvem, onde se realizam as relações sociais entre os pescadores, onde se processa produz o vasto conhecimento tradicional transmitido aos jovens pela oralidade”.

O cais de santa Luzia é o porto principal em Angra dos Reis onde os pescadores partilham seus conhecimentos suas experiências seus causos tanto cômicos quanto tristes, quando o fato mencionado é um prejuízo de material de pesca (redes com avarias ou naufrágio).

Os trabalhos de pesca iniciam na fase da lua minguante. Dependendo dos fatores atmosféricos ou das oscilações das marés, os barcos zarpam para o alto-mar (barcos maiores que navegam até 8 milhas da costa) ou para as costeiras (barcos menores que navegam até 2 milhas da costa). As redes ficam embarcadas e prontas para serem manejadas. As informações desses pescadores são amplas no setor da pesca, desde Cabo Frio ao Rio Grande do sul, pois no cais de santa Luzia a comunicação se estende para saber em qual local costeiro encontra-se os cardumes de peixes e as condições metereológicas dessas regiões (SUL: frente fria as forças dos ventos, sudoeste, N: Cabo Frio, vento de Nordeste. (MARTINS e VARGAS, 2016. Pg. 48)

Cada pescador nas embarcações tanto artesanal quanto industrial possui uma função. Segundo Martins e Vargas dissertando sobre esse assunto informam que:

A cada vez que o barco viaja, um tripulante de convés tem a seu cargo a função de guiar o barco. Além disso, cada marinheiro tem uma função na embarcação, por exemplo:

(a) Chumbereiro: é o que toma conta do chumbo ao lançar a rede, com o auxílio desta posição a rede é lançada para o mar armada, isso só acontece com a ordem do proeiro;

(b) Caiqueiro: é o que toma conta do caíco (barquinho sem motor que é arrastado pelo barco maior);

(c) Gelador: é o que gela o peixe, conforme a técnica de lançar o gelo quebrado(em escamas) na pescaria para ter uma boa conservação;

(d) Cozinheiro: têm a função de fazer o café da manhã, almoço, café da tarde e a janta, as compras “*rancho*” (alimentos) do período que a embarcação estiver pescando;

(e) Motorista: cuida do motor do barco e das bombas hidráulicas, ficando atento para que a água salgada não provoque alagamento no porão do barco é responsável pela manutenção do barco quando ancorado em um abrigo ou no porto;

(f) o Mestre: tem responsabilidade com a navegação. No caso de ser ele também proeiro fica a cargo dos aparelhos como radar, sonar e navegador satélite (quando há na embarcação) também é responsável pela tripulação, conhecedor das legislações marítimas e do comando nas viagens;

(g) Proeiro: é a pessoa mais importante da embarcação de traineira (é a posição que olha e faz o cerco para apanhar o peixe). Pela sua experiência e vivência no mar o proeiro conhece os movimentos da maré, a direção do vento, e onde encontrar os cardumes de peixes, e conforme a o movimento da pescaria fica a noite toda em pé na proa da embarcação. (2017. Pg. 48)

O trabalho dos pescadores de certa forma é produtivo, porém esses lucros são divididos em quatro partes: Despesas gerais, 20% de porcentagem da embarcação, o restante é dividido em 2 partes: uma para a tripulação e outra para o proprietário, aparte que cabe a tripulação e dividida no tanto que tem de partes das funções dos tripulantes, Ex: 32 partes para 12 tripulantes. Cabe a cada tripulante a sua parte da função que ele exerce na embarcação. Ex: motorista 3 partes, proeiro e mestre 6 partes, gelador 2 partes, convés 11/2 e assim sucessivamente

A minha vivência na pesca traz boas e ruins recordações, pois a vida de pescador em alto mar é sofrida e melancólica, embora esteja com 12 ou até 15 tripulantes em uma embarcação de 22 metros de comprimento e 6 de largura, quando

sai para o alto mar a visão é extrema no horizonte, só quando há abundância de pescaria o pescador se alegra no convés, nas horas de colher a rede conta-se histórias, boatos e piadas até passar a hora de ver o peixe na parte da rede que se chama sacador, onde fica a concentração da quantidade de peixe que na linguagem do pescador é saricar (colher o peixe em um grande sarico e colocar no porão).

A parte melhor da pesca é quando faz viagens longas para, Itajaí, Cabo Frio, Rio Grande do Sul, Campos dos Goytacaz e Espírito Santo, sempre quando há notícias de cardumes de peixes em alguma área de pescaria os barcos que estão na Baía da Ilha Grande partem logo que recebem a notícia. A tripulação procura lugares na embarcação para dormir durante a viagem, outros vão para o convés conversar se distrair com a paisagem. A cozinha está sempre de portas abertas para café, ou lanches que são servidos até à hora do almoço ou jantar.

Em uma dessas experiências não tão comum o barco que estávamos pescando em alto mar em profundidade de 60m próximo a costa de São Sebastião quase veio a pique. O mar nesse dia estava um pouco agitado com ondulação de 1 metro e maré de uma milha por hora e nosso barco foi atingido no lado direito por um bote que fica de arrasto na popa (caíco). Uma tábua do fundo foi quebrada, ficou despercebida da tripulação, não demorou muito para que a casa de máquinas enchesse de água do mar, íamos mesmo a apique, porém com o alarme de rádio comunicação com o pedido de ajuda, uma embarcação de Itajaí nos socorreu, nos deixou em segurança no porto de São Sebastião até a subida em um estaleiro para o reparo da avaria no casco.

A frota de barcos de pesca do porto de Angra dos Reis que ficam atracadas no cais de Santa Luzia é de porte médio ou pequeno, com casarías pequenas com espaço distribuído entre casa de máquinas e cozinha e um espaço pequeno para beliches de 50 cm por 1,80 de comprimento. Os barcos maiores possuem banheiros os menores não. Os pescadores só se banham em água doce quando estão no porto depois da descarga, isso é para economizar a água do barco quando estão em alto mar.

À alimentação é quatro vezes ao dia, café da manhã, almoço, café da tarde e o jantar. Ao sair do porto para a pesca os tripulantes vão descansando até ao pesqueiro (lugar onde as outras traineiras estão à procura de cardume de peixes) somente um tripulante de quarto de leme (marinheiro do timão), o motorista ((tripulante que toma conta das máquinas quando em funcionamento) e o cozinheiro, ficam acordados na hora da navegação para o alto mar.

A faixa etária dos pescadores de traineiras vai desde os mais jovens de 19 aos mais velhos de 65 anos. Essa faixa etária tem variações em algumas embarcações

que só têm jovens ou somente idosos. A experiência na pesca faz parte de uma boa agilização no convés, pois a função é de risco, perigos que podem levar a óbito. Vários amigos da pesca tiveram esse fim por falta de atenção, alguns acidentalmente caíram em alto mar, com a embarcação navegando e não tiveram chance de ser socorrido.

A alegria do pescador é quando o peixe está no sacador (rede grossa no final da rede que suporta as toneladas de peixes) para ser saricado para o porão e esse fica cheio.



Figura 15. Sarico de pesca de traineira. Usado para tirar o peixe do sacador para o porão. Fonte: www.engepesca.com.br

Trabalhos de pesquisas na área da pesca artesanal e industrial contribuíram significativamente nas descrições de vivências e do desenvolvimento da pesca em Itajaí, Rio Grande do sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Norte. Autores como SCHWINGEL, P.R.¹ & D.S. OCCHIALINI que analisaram os barcos de traineiras do porto de Itajaí, as evoluções tecnológicas, as formas de pescarias e as variações temporais da operação de pesca da frota de traineiras entre 1997 e 1999.

Diegues deu destaque à antropologia econômica, analisou as relações conflituosas entre a pesca artesanal e a pesca empresarial em termos de modo de produção, enfocando os aspectos sócio-políticos da emergência das empresas pesqueiras no aspecto importante do trabalho, analisou a articulação e a dependência da pesca artesanal em relação à pesca empresarial, a desorganização da pesca artesanal, principalmente entre os pescadores do litoral norte do Estado de São Paulo.

CAPÍTULO 3: A REDE DE PESCA

Nas embarcações artesanais o estilo de pesca tende a ser braçal, embora alguns barcos desta modalidade de traineiras estejam equipados com: pawner-blok, sondas de ondas sonoras para varredura de solo marinho de até 200m de profundidade e motores de potência de até 1.150 hp. As normativas estabelecem que cada embarcação seja caracterizada conforme a modalidade da pesca no qual é realizada, obedece a padrões estabelecidos pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (PLANALTO.GOV.BR › _ato 2007-2010 › lei. 2009)¹.

A atividade de pesca em alto mar ou na parte costeira tem duração de 20 a 25 dias dependendo da pescaria. No período de lua cheia (é entendido pelo pescador de período de *claro*) há uma parada das funções laborais de pesca no qual é feita as partilhas dos lucros dos peixes descarregados e também para manutenção das redes.

Na atualidade não é exigido para a tripulação à técnica de remendo de rede (nos anos passados era obrigatório ter conhecimento deste ofício) (MARTINS e VARGAS, 20016. Pg5). Essa obrigatoriedade antiga dos tripulantes terem conhecimento de remendo de rede devia a necessidade da manutenção desta, cujo material era de algodão (material muito frágil) que eram utilizados pelos pescadores do litoral santista (AFONSO, 2013. Pg. 99).

Esse tipo de material foi introduzido na pesca na Ilha Grande nos anos 1930. Essa rede precisava ser lavada quinzenalmente em água doce, enxugada em varais na praia para não apodrecer. Mergulhada em um tonel de latão de mil litros com água aquecida em fogo de lenha, para tingimento com tinta vermelha extraída de madeiras de mangues ou conhecido pau de cigarras ou na linguagem nativa “*Cobi*”. Para manutenção dessa rede uma embarcação de pesca tinha duas tripulações e exigia-se que o tripulante tivesse experiência em remendo.

Segundo relato dos antigos pescadores, quando o barco carregava de sardinha ia para o porto, local de moradia dos pescadores, lá tiravam essa rede de material de algodão e esticavam ao sol. Uma tripulação ficava na praia para cuidar e remendar a rede (tripulação do remendo rede não eram embarcados, trabalhavam sem Registro Geral de Pesca) e a outra tripulação que era composta pelo mestre e tripulantes, descarregava seus peixes na praça XV (centro do Rio de Janeiro). Essa tripulação era embarcada e tinha carteira de embarque o RGP (Registro Geral da Pesca) esses barcos eram vistoriados pela Capitania dos Portos quando adentravam a barra do Rio de Janeiro, nessa fiscalização era para ver se havia algum tripulante sem documentação.

Já nos anos de 1970 os pescadores de Angra dos Reis passaram a usar as redes de matérias sintéticos, náilon (poliamida) fabricado pela empresa DuPont, (AFONSO, 2013. pg 99). Com isso o ofício de remendo ficou a cargo do mestre de rede que escolhia o seu grupo de remendo. Em cada barco de pesca tinha um contra mestre que exercia a função de redeiro, e ensinavam outros para formarem grupos nas embarcações caso houvesse uma emergência de avaria (rasgos nos panos de rede) na material de pesca (Rede).



Figura 16. Rede de cerco de espera, puxando na praia para reparos. Fonte: o autor

A rede de traina ou cerco também corresponde ao material de barcos de pesca de uso tanto profissional quanto artesanal, porém com as questões de empregabilidade e o descaso com a pesca profissional de rede ou (redeiros) os redeiros não são estimulados a continuarem seus legados, pois, em geral, não é uma profissão que desejam para os seus filhos. Na entrevista com o pescador e redeiro, o seu Arnaldo, 68 anos morador da Ilha Grande, mas residente na cidade e freqüentador do cais de Santa Luzia diz que:

Eu não quero essa vida para os meus filhos, não tem futuro para eles aqui, não tem nenhuma garantia de saúde ou de alguma coisa do governo ninguém olha para o pobre do pescador, você acha que eu tenho saúde? Já falei para os meus filhos que isso aqui não tem futuro. (ENTREVISTA COM O PESCADOR E REDEIRO SEU ARNALDO)

Outro pescador e redeiro entrevistado, o Gildo José Albino 62 anos informou que:

Nessa profissão de redeiro não tem mais lugar para nós, está acabando, não tem lugar mais nem para costurar rede, esse cais não é mais dos pescadores, agora é do turismo, que futuro nos temos, as redes agora vão ser levadas para Itajaí, lá que eles vão remendar. Se esse resto que está aqui remendando se não quiser mais fazer remendo vai acabar tudo, ninguém mais se interesse para isso. Eu recomendo quem vive disso para sair, ir para outra profissão (ENTREVISTA DO PESCADOR E REDEIRO GILDO JOSÉ ALBINO)

Esse manejo de costura de rede depende do bom conhecimento que o pescador tem das malhas de uma traineira e isso é transmitida por informações de outros com mais experiência neste ramo (Martins e Vargas, 2016).

Os redeiros do cais de Santa Luzia moram nos bairros de Angra dos Reis, porém são oriundos da Ilha Grande e Ilha da Gipoia. Alguns deles já não exercem essa função por causa da idade, pois já debilitados, não permite mais a movimentação do corpo que aprenderam com as técnicas de remendo de rede. Segundo Mauss (1934, pg. 405) "o indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros". Também os que faleceram sem deixar substitutos (filhos ou netos), o desprestígio deste ofício mostra a precariedade da pesca em Angra dos Reis.

Não tendo, pois valor comercial nem vínculo empregatício, isso acarreta na desvalorização desta arte. Atualmente está difícil encontrar quem faça tal trabalho. Neste caso há dificuldade de encontrar redeiros profissionais. Nisto Diegues comenta:

A questão da tradição está relacionada também ao cerne da própria pesca artesanal; o domínio do saber-fazer e do conhecer que forma o cerne da "profissão". Esta é entendida como o domínio de um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao pescador se reproduzir enquanto tal. Esse controle da "arte da pesca" se aprende com "os mais velhos" e com a experiência (2004, pg. 87)

3.1 Como é o manejo da costura da rede

A costura ou remendo de rede se dá após uma avaria ou panos de redes rasgados, que após serem colidas em certo local do cais, ficam ao cargo dos redeiros. A primeira tarefa é estender as redes para saber como está enviesado o rasgo. Na entrevista com o pescador Ademir Pereira informou que:

Quando a rede é estendida ai vai começar a ver como está a avaria. Então começamos a medir os panos e limpar os cantos rasgados, depois começamos a fazer pegador pelo meio da rede avariada, se a avaria é muito grande vamos cortar pano e remendar pano por pano e depois medimos para ver como está o andamento do trabalho para então distribuir cada qual dos redeiros no seu lugar para remendo (ENTREVISTA DO PESCADOR E REDEIRO ADEMIR PEREIRA 67anos).

Na armação de uma rede os pescadores fazem a medição por braças (medida de 2,2 metros), porém esta medida varia de tamanho conforme a altura do redeiro responsável pelo trabalho. Os redeiros angrenses ainda usam técnicas tradicionais de medida de braças. Acontece às vezes na mudança do redeiro mestre que o trabalho do outro é mudado nas medidas como foi explicado acima, pois ainda se mede de forma tradicional nas “braças,” portanto nessa condição a altura do redeiro influencia nos cortes ou franzir dos panos de rede. Uma panagem é uma parte de um pano inteiro que vem da fábrica com 100 metros, ao ser trabalhado, entalhado ou perfilhado ou juntando panagem com panagem ela perde 30% do comprimento nas mangas, isso é nos 100 metros fica na medida de 70m, pois foi franzida no entalho e 40% no sacador (panagem de rede grossa fio 36mm). Na altura perde 30% pois as panagens vêm com 6 metros de altura da fábrica.

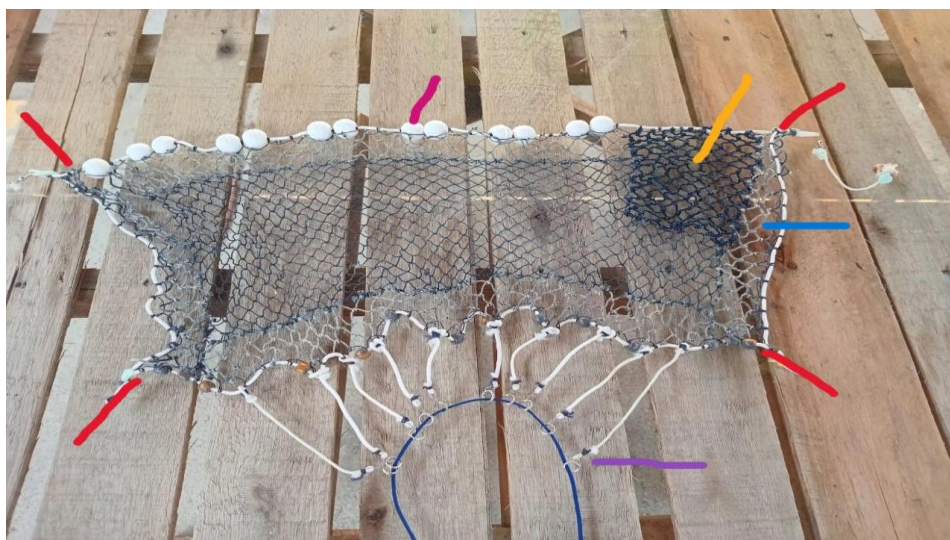


Figura 17. Miniatura de uma rede armada pronta para a pesca. Fonte: o autor

O formato de uma rede de traineira em miniatura acima conforme a foto 17, tem as seguintes indicações: as cores representam as partes denominadas pelos pescadores e redeiros. Na cor vermelha as mangas da rede, também chamada de

cuba; na cor laranja o sacador; na cor lilás a tralha da cortiça e na cor azul o calço das laterais tanto direito quanto esquerdo. A altura dessa rede varia conforme o tamanho, se ela estiver depois de pronta com 600 braças $600 \times 2 = 1.200$ m terá de altura 40 braças igual a $40 \times 2 = 80$ m



Figura 18.: Redeiro mostrando a rede entalhada na cortiça e a bitola mostrada pelos nós. Fonte: O autor

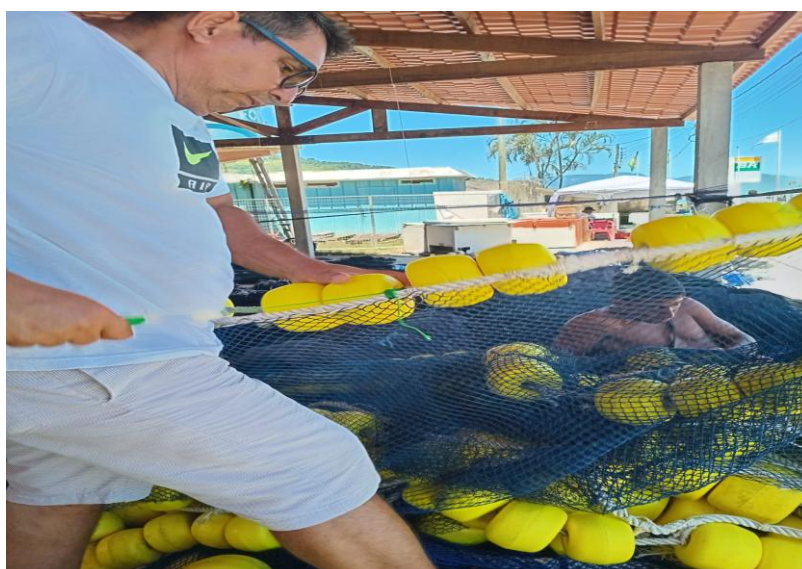


Figura 19. Redeiro fazendo as bitolas (entralhos) na rede na parte da cortiça. Fonte: O autor

3.2 A definição da armação de uma rede de traineira

A altura armada “AA” é obtida, esticando a tralha das bóias horizontalmente. A rede formará uma cortina reta = AA. Pela fórmula geral, $AA = AE \times 0,7$ é a bitola na tralha. Exemplo: Uma panagem com 4 metros de AE (Altura no entralho) tem: $AA = 4 \times 0,7 = 2,8$ metros, é a metragem que vai encolher depois do entralho na cortiça e no chumbo.



Figura 20. . Rede na tralha do chumbo, a corda no meio e chamado de sub-tralha que ajuda a rede caçar em lugares baixos. Fonte: O autor



Figura 21. Rede encabeçada

Fonte: O autor

Figura 22. Rede perfilhada

Fonte: O autor

Para esse tipo de trabalho com as redes é usando agulhas de remendo do tipo mostrado na figura (23) essas agulhas são de tamanhos diferentes e cada uma delas tem uma utilização, ex: as pequenas são para remendo de fio 210 jardas e/16

mm as maiores para perfilho 210/22 mm e 210/36 mm. É carregado também pelo redeiro uma faca, para cortar as malhas ou acertar as pontas, cortar tralhas e entralhos corrido ou frouxos. Com o passar dos tempos e muito trabalho com a rede nas traineiras as cordas se alongam pelo peso que as redes carregam de peixes.



Figura 23. Tamanhos diferentes de agulhas de remendo. As menores para remendo linha 16 mm, as maiores para perfilhos linha 22 mm, faca para corte das malhas.

O perfilho da rede é unir as malhas de um pano ao outro, fazendo um tipo de envieso, com a agulha de tamanho médio e com fio 16 mm, já o remendo tem a situação de iniciar no ponto certo, as três pontas é fundamental para ter o acabamento. O pegador, que na linguagem do pescador é juntar uma malha emendando uma na outra dando um nó, sendo que na costura de rede deve-se enxergar a malha com três pernas é o mesmo procedimento ou três quadrados no canto da rede. Há redeiros que observam a forma como a rede é rasgada e a posição dos fios, um, mas longo outro mais curto e com isso vão unindo malha por malha. Essa técnica de unir malhas no meio de um rasgo de rede é somente para redeiros profissionais.



Figura 24. Remendo de rede ou pegador. Início das três pernas da direita para esquerda. Fonte: O autor



Figura 25. Rede de traineira em manutenção. No fundo, pescadores no remendo de rede no cais de Santa Luzia. Fonte: O autor

Na condição de remendo de redes cada redeiro tem sua equipe formada. A renumeração desses profissionais de remendo é por dia trabalhado e esses valores são fixos, combinados por uma junta de redeiros, passando a valer para todos os remendadores. Atualmente está no valor de 200 reais o remendo e o entralho 250 e o mestre (encarregado da turma) ganha 300 reais. Esses valores são por dia trabalhado.

Uma rede de pesca segundo informações dos pescadores e proprietários de barcos de pesca esta no valor de 700 a 1.000.000,00 de reais dependendo do tamanho e altura. Os panos de rede de nylon multifilamento são fabricados em São Paulo ou importada da China. A rede de pesca importada vem com outras medidas na qual os redeiros não estão acostumados exigindo do profissional mais técnica, pois depende deste profissional conhecer e elaborar as medidas exatas para armação desse material, exemplo de entralho na cortiça e no chumbo e a finalização da traineira.



Figura 26. Redeiro entralhando a rede. Nesta imagem percebem-se pelas setas amarela as bitolas. A seta vermelha aponta o calço do chumbo. Fonte: O autor

Os redeiros que executam os remendos (costura de redes e perfilho⁴) não são os responsáveis pela rede. O redeiro mestre é escolhido pelo dono do material de pesca ou da embarcação, que faz contato com a equipe e distribui as funções aos trabalhadores do remendo. O ponto de partida do trabalho começa pelos cortes e remendos de panos de redes, cada redeiro na sua posição de trabalho é indicado pelo redeiro mestre.

Os redeiros chegam às 07h e termina às 16 h. Alguns com mais idades queixam-se de dores na coluna, pois a posição para remendo é sentada com as pernas esticadas, com a rede preza entre os dedos polegares dos pés ou em pé com pequenos ganchos preso na própria rede para dar suporte facilitando assim a forma de remendar.

No local onde as redes são postas há algumas árvores que serve de sombra em dias ensolarados, também serve como suporte para engancharem as redes facilitando as posturas dos corpos dos redeiros. Essas redes estão estiradas no piso do cais de Santa Luzia e são manuseadas pelos redeiros quando necessários. No trabalho de remendo as atenções dos redeiros esta nas medidas das braças para não haver erro ao embarcarem abordam das traineiras.



Figura 27. Remendo de rede, grupo de Redeiros. Fonte: O autor



Figura 28. Pescador remendendo a rede abordo da embarcação. Fonte: O autor

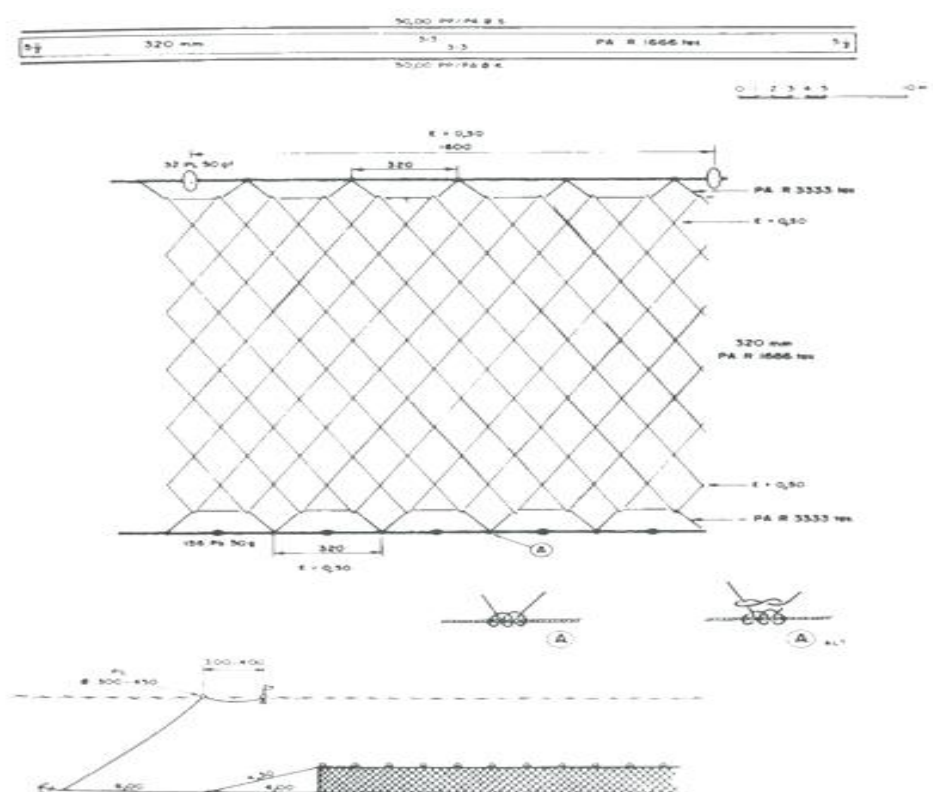
Os mais idosos orientam os mais novos nas medidas dos panos, perfilho e na condição dos remendos, fiscalizando se não houve erro no início das malhas. Segundo o senhor Ademir Pereira, 66 anos, pescador e redeiro que trabalhou nas redes no cais de Santa Luzia:

As redes que são costuradas têm que estar 100% prontas para embarcar e pescar. No remendo as malhas têm que estar casando uma com as outras, pois se isso não for assim não funciona. Se começar o remendo errado termina errado. Tem que pegar nas três malhas e terminar nas três. No entalho se errar uma bitola erra tudo, a rede fica enviesada se começar uma aranha (erro no início do remendo) pronto! Já está tudo errado.

É essencial a experiência do redeiro mestre, pois as unidades de medidas que são acessíveis à suas realidades, medindo em “Malhas ” os tamanhos dos quadriculados das redes para um entralhe deve se fazer a medida de 4 nós de malhas do pano de rede que será utilizado na atividade redeira da técnica de manusear os panos de rede para o remendo ou armação de uma traina.



Figura 29. .Redeiro fazendo entralho de bitola de cortiça. Fonte: O autor



Figuras 30. bitolas e nós de uma rede de traineira. Fonte www.fao.org, artes e operações de pesca. Pg. 04)



Figura 31. Forma tradicional de medição de bitola de uma traineira. Fonte: O autor



Figura 32. Traineiras no cerco de sardinha. Localização costão do Drago Ilha Grande. Fonte: O autor.

CONCLUSÃO

A pesquisa parte da premissa de entendimento das vivências desses atores da pesca tradicional, que atuam no cais de Santa Luzia e mantêm suas tradições mesmo com as dificuldades que a profissão lhes impõe. À medida que vamos mergulhando nessa atuação dos redeiros e pescadores, que tiveram suas vidas moldadas e enrijecidas com o tempo nessa atividade de tecer redes, percebem-se o desgaste em seus rostos, seus sentimentos nas conversas e distrações e vemos esse relacionamento intrínseco entre esses profissionais da arte pesca.

As precariedades dos pescadores e redeiros se manifestam nos descasos com essa profissão, que movimenta a economia de subsistência da população que se concentra nessa região costeira e que depende desses recursos diariamente. Um olhar atencioso para o setor da pesca demonstra que precisamos de um novo ordenamento de importantes pescarias hoje intensamente exploradas na região sul fluminense, como a pesca de camarões, sardinhas e outros peixes. Por outro lado, o país precisa investir na modernização do setor pesqueiro, ampliar a pesca em mar aberto, assim como ocupar soberanamente sua Zona Econômica.

Medidas de fomento da pesca dependem de estudos institucionais para promover melhorias e capitanear ações que busquem condições justas no que diz respeito ao setor de captura de peixes e como estes agentes se relacionam com os demais elos da cadeia pesqueira nacional, na apresentação de opções que promovam desenvolvimento. Os pescadores e redeiros do cais de Santa Luzia se matem nesse local nos enfrentamentos do dia a dia, aguardando medidas propostas pelo setor público e tendo os desafios de preservar essa arte de remendo das redes de pesca de traineiras, legado deixado pelos antigos pescadores dessas redondezas. Tanto os redeiros de rede de traineiras quanto a os tripulantes dos barcos de pesca são contribuintes para manutenção dessa profissão de pescador que tem suas funções em destaque no cais de Santa Luzia.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Silvia Cordeiro de. Pescando Letras: diálogos interdisciplinares entre a educação ambiental e alfabetização de jovens e adultos no contexto da pesca artesanal. Brasília 2011. Acessível em: repositório. UnB.br. ultimo acesso em 10/08/2025

_____. ANGRA DOS REIS. Prefeitura de Angra dos Reis. Reunião em Brasília. Licenças para a pesca Disponível em: www.angra.rj.gov.br. Noticias 23/08/2007 Ultimo acesso em: 27/11/2024

AFONSO, Marcelo. Historia de pescador: um século de transformação técnicas e sócias ambientais na pesca do caiçara do litoral de São Paulo (1910-2011) FFLCH, USP. SP. 2013. Disponível em: teses.usp.br/teses/publico/2013_Marcelo_Afonso. Ultimo acesso em 15/10/2024

CELESTINO, Edmir Amanajás; 1 ALENCAR, Edna Ferreira; VILLELA, Lamounier Erthal. políticas de desenvolvimento no Brasil e impactos sobre a pesca artesanal no estado do rio de janeiro. Revista do PPGCS –UFRB –Novos Olhares Sociais | Vol.4 – n.2 –2021

CERGOLA, Maria Cristina; NETO José Dias. Plano de Gestão para o Uso Sustentável da Sardinha-verdadeira do Brasil. – Brasília: Ibama, 2011. 180 p.: il.

DUARTE, Natália. Redes, malhas e mãos: o processo artesanal da rede de pesca do mar ao ateliê / Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2018. Acessível em: repositório. ufsc.br. ultimo acesso em : 31/02/2025

DIEGUES; Antonio Carlos. Territórios e comunidades tradicionais. Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR), realizado em 29 e 30 de outubro de 2015, na cidade de Matinhos (PR). Acessível em NUPAUB/USP, nupaub.fflch.usp.br. Ultimo acesso em: 17/02/2025 .

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima pesqueira. São Paulo: Núcleo de apoio à pesquisa sobre Populações humanas e Áreas úmidas Brasileiras/USP. 2004

DIEGUES, Antonio Carlos. a sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: uma síntese histórica centro de culturas marítimas - 1999. São Paulo. Acessível em : repositório. usp.br › 1999 . Ultimo acesso em 12/03/2025

DIEGUES, A. C. S. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. Editora Atica, 1983

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografias do trabalho, narrativas do tempo..Antropologia 2. Etnografia. 3. Etnografia do trabalho. 4. Antropologia urbana.5.Memória - Trabalho – Cidade moderno-contemporânea. 6. Tempo–Espaço–Trabalho.7. Etnografia da duração – Tempo. 8. Imagens – Trabalho. 9. Trabalho – Relações étnico raciais – Transformação – Vida urbana. 10. Etnografia – Políticas administrativas.ISBN 978-85- 61965-30-3.Porto Alegre: Marca visual, 2015.

FERREIRA, Helena Catão Henriques. A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ. 2010. UFRR, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. R.J

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2022. Rio de Janeiro. Disponível em <Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/angra-dos-reis.html>. Acesso em 03 março 2024.

_____.ICMBIO.gov.br. Lei 9605_98 Lei de crimes ambientais. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br › stories › Legislação>.Ultimo acesso em: 04/10 /2024

_____.ICMBIO.gov.br Instituto Chico]livro eletrônico[Plano de Manejo da Estação Ecológica de Tamoios/ Mendes de Conservação da Biodiversidade – Brasília: 2025.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção* From the transmission of representation to the education of attention. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

JOVENTINO, Fatima Karine Pinto. Pesca artesanal na Baía da Ilha Grande R.J: conflitos e novas possibilidades de gestão compartilhadas. 234f. RJ . 2013. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443>. Ultimo acesso em:março 2025.

LEAL, Giuliana Franco. Justiça ambiental, conflitos latentes e internalizados: estudo de caso de pescadores artesanais do norte fluminense. *Ambiente & Sociedade* n São Paulo v. XVI, n. 4 n p. 83-102 n out.-dez. 2013

MACHADO Lia Osório. Angra dos Reis: Porque Olhar para o Passado? Em Diagnóstico Sócio-Ambiental do Município de Angra dos Reis, Convênio FURNAS-UFRJ, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: [gebig.org › biblioteca › angra-dos-reis-porque-o](http://gebig.org/biblioteca/angra-dos-reis-porque-o). Ultimo acesso em: 06/05/2024.

MARTINS, Gustavo; MARCLEY, Carlos Arruda. Estudos da poluição por resíduos sólidos nas praias da Enseada e do Anil e percepção da degradação ambiental pelos pescadores do cais do porto de Santa Luzia, Angra dos Reis-RJ /. Angra dos Reis, 2021.

MARTINS Gustavo; FREITAS Adriano Vargas. Etnomatemática nas práticas laborais da pesca: relato de experiências e memórias. *Brazilian Electronic Journal of Mathematics*, Ituiutaba, MG, v. 1, n. 1, p. 44-55. Ultimo acesso em : 25/05/2023

MAUSS, Marcel. As Tecnicas do Corpo • Extraído do journal de Psychologie, v.)2, n. 3-4, 193\.. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil. Comunicação apresentada à Sociedade de Psicologia em 17 de maio de 1934.

_____MINISTERIO DE INFRA ESTRUTURA, Brasil, governo. Federal. plano mestre do complexo portuário de angra dos reis. cooperação técnica para suporte no planejamento do setor portuário nacional e na implantação de projetos de inteligência logística portuária. Ministério da infra-estrutura universidade federal de Santa Catarina (ufsc) laboratório de transportes e logística (labtrans). acesso ao Relatório de Metodologia dos Planos Mestres: infraestrutura.gov.br/planejamentoportuario/113-politica-e-planejamento-de-transportes. Maio 2019

MOREIRA, Cristiane Fernandes. As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/ Vera Cruz /Bahia / 2010. Inclui Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Vanildo Souza. de Catálogo dos aparelhos e embarcações de pesca Marinha do Brasil / - Rio Grande: Ed. da FURG, 2020. 332 p.: il. ISBN: 978-65-5754-032-9 1. Embarcações de pesca 2. Oceanografia 3. Aparelhos de pesca 4. Marinha do Brasil 5. Redes de pesca I.

PORTO DE ANGRA DOS REIS.<https://www.portosrio.gov.br/pt-br/portos/porto-de-angra-dos-reis/historia-e-caracteristicas>.Último acesso em 23/03/2025

PASCOAL, Edneia do Marco. Angra dos Reis, 500 anos de historia/ Biblioteca Nacional -RJ ,Nº de registro 139.479, Livro 214, folha 14. Angra dos Reis, RJ: 2010 224 p.

PRADO, Rosane M. De praias que viram morros e do valor da natureza. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ XIX Encontro Anual da ANPOCS GT “Conflitos sociais e meio ambientes” Caxambu - MG, 25-29/10/2005

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como Gênese: prática, skill e individuação. Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 109-139, jul./dez. 2015.

SOUZA JUNIOR, Luiz de. Estado, Economia e Território: o entreposto e as metamorfoses dos circuitos espaciais da pesca na cidade do Rio de Janeiro (1941-1991)..170fl. Tese (doutorado em Historia Social)- Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

SOUZA, Vanessa; LOUREIRO, Carlos. Povos tradicionais caiçaras, educação escolar e justiça ambiental na Península da Juatinga, Paraty-RJ /ambeduc.v23i1.7214 Ambiente & Educação 2018.

SOUZA, JOICE SILVA DE. “Pesca Predatória”; Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/ecologia/pesca-predatoria/>. Último Acesso em: 04 de julho de 2022.

SCHWINGEL, P.R. & OCCHIALINI, D.S. Descrição e análise da variação temporal da operação de pesca da frota de traineiras do porto de Itajaí, SC, entre 1997 e 1999. DOI:10.14210/bjast.v7n1.p1-10. Article in Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology · December 2010. NOTAS TÉCN. FACIMAR, 7: 1-10, 2003. Itajaí, SC.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum. Estudo sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das letras 1908.isbn .85-7161.820-4

ZAMBONI, Ademilson. Políticas públicas de pesca seguem sem participação social. *Oceana no Brasil, 4ª edição Brasília, Brasil*. V2126 de abril de 2023 acessível em: www.brasil.oceana.org. Último acesso em 08/04/2025

_____ [www. Sintonia do vale. Com.br/angra-dos-reis-vai-revitalizar-o-cais-dos-pescadores](http://www.Sintonia.do.vale.Com.br/angra-dos-reis-vai-revitalizar-o-cais-dos-pescadores), Douglas Baltazar • 8 de julho de 2024. Último acesso em 12/03/2025

_____ www.angra.rj.gov.br/noticias. Prefeitura busca ordenamento do Cais dos Pescadores. Objetivo é que transbordo de bebidas, material de construção e resíduos sólidos passem a ser feitos no Cais da Lapa, 16 de janeiro de 2025. Último acesso em: 15/03/2025